



UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA  
FACULDADE DE TEOLOGIA  
Instituto Universitário de Ciências Religiosas

MESTRADO EM CIÊNCIAS RELIGIOSAS  
Especialização: Animação Sócio-Religiosa

**CÉLIA MARIA PEDROSA CABECINHAS**

**Acompanhamento Pessoal de Jovens Consagrados  
Contributo para o Acompanhante**

Dissertação Final  
sob orientação de:  
Prof. Doutor Jerónimo dos Santos Trigo

Lisboa  
2014

## ÍNDICE

<b>INDICE</b>	2
<b>INTRODUÇÃO</b>	4
<b>CAPÍTULO I</b>	
<b>FORMAR NA VIVÊNCIA DA VOCAÇÃO CONSAGRADA CONCEPCIONISTA</b>	9
<b>1. Viver os conselhos evangélicos</b>	10
Pobreza	10
Castidade	11
Obediência	11
<b>2. Viver em Comunidade</b>	12
<b>3. Viver em Missão</b>	14
<b>4. Viver a Vocação Concepcionista ao Serviço dos Pobres</b>	16
Concepcionista	16
Consagrada ao Serviço	17
Privilegiando os Pobres	18
<b>5. Viver uma etapa, o juniorado</b>	19
Objetivos	20
Meios	23
Avaliação	23
<b>CAPÍTULO II</b>	
<b>REFERÊNCIAS BÍBLICO-TEOLÓGICAS DO ACOMPANHAMENTO</b>	25
<b>1. Acompanhamento à luz da Palavra de Deus</b>	25
A prática de Jesus	25
Testemunho paulino	33

<b>2. Documentos da Igreja sobre o acompanhamento na vida consagrada</b>	34
<b>3. Os agentes da formação</b>	40
<b>4. Modelo de integração no acompanhamento</b>	46
Antecedentes	46
Modelo de integração	48
<b>CAPÍTULO III</b>	
<b>PARA UMA PRÁTICA DO ACOMPANHAMENTO</b>	52
<b>1. Definição e sentido</b>	52
<b>2. O desafio da interculturalidade</b>	53
Da multiculturalidade à interculturalidade	54
Da inculturação à interculturalidade	55
Formação intercultural	56
<b>3. Capacitação e competências do acompanhante</b>	57
Valores a desenvolver	57
Competências	60
<b>4. Relação : acompanhada/acompanhante.</b>	62
Empatia, presença	63
Confronto, ausência	64
Respeito, transformação	65
<b>5. Encontro de acompanhamento pessoal</b>	66
<b>CONCLUSÃO</b>	69
<b>BIBLIOGRAFIA</b>	71

## INTRODUÇÃO

A formação de jovens consagrados, constitui hoje um grande desafio para as comunidades religiosas. Ela “tem como fim primordial o de os ajudar a tomar consciência da sua identidade de consagrados”<sup>1</sup>, sempre no sentido de uma renovação. A integração de jovens num estilo de vida, que exige um compromisso definitivo, oriundos de diferentes culturas e de percursos de vida muitos singulares, torna-se um grande desafio para a vida consagrada. O discernimento e a adaptação à vida religiosa, requerem, por parte dos formadores, um esforço de adaptação constante em respostas que se coadunem cada vez mais, com a presente realidade.

Sei que “nada do que digamos ou façamos para discernir uma vocação e formar uma pessoa para a vida religiosa poderá comparar-se nunca com o que pode fazer a graça de Deus naquele que deseja segui-lo”<sup>2</sup>. É nesta confiança de que é Deus que age na vida das pessoas, que se arrisca a presente reflexão no sentido de dar um passo em ordem à preparação das pessoas que são chamadas a acompanhar jovens consagrados.

Apesar da primeira pessoa responsável pelo discernimento e da própria caminhada ser a formanda, e de às comunidades ser pedido que tenham uma autenticidade que corresponda ao ideal de vida consagrada, a responsável da formação tem uma missão muito especial, numa etapa concreta da caminhada. “O formador deve adaptar-se, às características de cada uma das pessoas em formação, vivendo este período como um ato de fé e misericórdia, sobre aqueles

---

<sup>1</sup> CONGREGAÇÃO DOS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA (CIVCSVA), *Instrução sobre a formação dos Institutos Religiosos, Potissimum Institutioni*, 110, A.O., Braga, 1990.

<sup>2</sup> G. LESPINAY, *Acompañar las vocaciones religiosas. Llamada, discernimento, adaptación, formación inicial*, Publicações Claretianas, Madrid, 2010, 18.

que o senhor lhe confia”<sup>3</sup>, e ter sempre presente que o processo formativo, acontece dentro de uma história, através de uma relação e em direção ao crescimento<sup>4</sup>.

A experiência como formadora de jovens consagradas fez deste tema uma grande área de interesse para aprofundamento. Desde o momento em que me foi pedida esta missão, sinto necessidade de me preparar para a difícil, mas desafiante tarefa de acompanhar, de forma personalizada, jovens concepcionistas.

As forças motivadoras da escolha deste âmbito de estudo são: o encanto que experimento na vivência da minha vocação de Consagrada, que identifico como caminho de felicidade e correspondência ao sonho de Deus sobre mim; o reconhecimento e gratidão à Congregação a que pertenço, pelas Irmãs que ao longo do meu processo formativo me acompanharam e acompanham; o amor que experimento para com os pobres a quem sou chamada a amar e servir, orientando a que os amem e sirvam na alegria, o forte desejo de fidelidade no acolhimento da missão que o Senhor me confia de acompanhar Jovens Irmãs e a necessidade de corresponder fielmente preparando-me para ela.

Creio que “nenhuma teoria, nenhuma ideologia, nenhuma noção geral sobre o tema, poderá substituir o discernimento orante e a disposição de acolhimento das pessoas”<sup>5</sup>, Acredito ainda que quem tem a missão de acompanhar tem a obrigação de procurar formar-se, ele próprio, em ordem a um melhor acompanhamento. E essa preparação não deverá ser tanto com o objetivo primeiro de aplicar métodos e terapias, mesmo espirituais, às formandas, mas, antes de mais, abrir-se a aprofundar a sua vocação e crescer no auto conhecimento, na integração da história, no compromisso pessoal de fidelidade ao Senhor na vivência fiel da sua vocação e na preparação para a missão que corresponda ao Carisma de cada Congregação.

Creio que o exemplo é o meio mais eficaz de comunicação de sentido, de valores, de ideais, de fé, de Evangelho e de Carisma.

---

<sup>3</sup> *Ibidem*, 18.

<sup>4</sup> R. CAPITANIO, “Principios Pedagógicos no Acompanhamento Espiritual”, in *Acompanhamento Espiritual*, Paulus, Lisboa, 2011, 82.

<sup>5</sup> G. LESPINAY, *Acompañar las vocaciones religiosas*, 18.

“Deixemos que a graça faça o seu caminho”<sup>6</sup>, é uma forte interpelação aos formadores desta hora. De facto, eles estão chamados a crescer nesta aprendizagem. Os juízos imediatos, as opiniões demasiado seguras, as respostas feitas, as palavras em excesso, o protecionismo, ou a arrogância, poderão deixar pouco espaço à ação criativa de Deus, que, de forma surpreendentemente simples, se revela como o verdadeiro Farol do Caminho e o próprio Caminho. O Papa Francisco, na sua *Exortação Apostólica “A Alegria do Evangelho”*, refere que “o acompanhamento seria contraproducente, caso se tornasse uma espécie de terapia que incentive a reclusão das pessoas na sua imanência e deixe de ser uma peregrinação com Cristo para o Pai”<sup>7</sup>.

No âmbito da formação e acompanhamento e referente à pessoa responsável, são vários os termos vulgarmente usados para a definir: “formador”, “mestre”, “orientador” ou “diretor”. Este trabalho a ele se referirá como “acompanhante”. A sua missão não é de direção espiritual, aconselhamento, consulta de psicologia ou aula particular, mas de acompanhamento.

Ao longo deste trabalho toma-se o acompanhamento como a relação que se estabelece quando um religioso, supostamente mais experiente e maduro, é convidado e tem por missão acompanhar um outro religioso, ajudando-o a discernir os passos da caminhada.

Neste acompanhamento, um acompanha e o outro é acompanhado, um orienta e o outro é orientado, um assume a função mais de formador e o outro mais de formando. Mas nesta relação a ajuda é recíproca. “Não existe por parte do acompanhado, um vazio absoluto que precise ser preenchido, nem por parte do acompanhante uma plenitude tal que só tenha a dar e nada a receber”<sup>8</sup>. O ato de formar é, portanto, formativo também para o acompanhante.

O presente trabalho pretende estudar e definir o papel da pessoa indigitada por uma Congregação para responsável da formação de jovens religiosos durante a etapa do juniorado,

---

<sup>6</sup> *Ibidém.*

<sup>7</sup> PAPA FRANCISCO, *Exortação Apostólica A Alegria do Evangelho, (Evangelii Gaudium)*, 170, Paulinas, Lisboa, 2013.

<sup>8</sup> V. LUIZ ZUGNI, “Acompanhamento e fidelidades na vida religiosa”, *CLAR*, XLV, N°3 (2007), 41.

no que diz respeito ao acompanhamento, considerando à partida que a sua missão principal é de facto, muito para além da formação coletiva segundo o programa formativo que a *Ratio Formationis* de cada Congregação aponta, o acompanhamento personalizado de cada formanda.

Há como base desta reflexão, tendo em conta a realidade das Irmãs Concepcionistas, o pressuposto de que as pessoas a acompanhar vivem em comunidades diferentes, assumem responsabilidades pastorais ou sociais distintas, têm histórias de vida muito particulares e proveniência de países e culturas diferenciados; as jovens têm um encontro de grupo mensal.

A responsável pela formação poderá confiar a outras pessoas a comunicação de diferentes matérias formativas. O que é então reservado à formadora, é o acompanhamento pessoal no caminho de maturação nas diferentes dimensões: humana, espiritual, vocacional e carismática. Daí que no decorrer deste trabalho, esta venha a ser denominada de “acompanhante”.

O principal objetivo deste trabalho realizado no âmbito do Mestrado em Ciências Religiosas e especialização em Animação Sócio Cultural, é a proposta de um modelo de acompanhamento, como contributo para o acompanhante.

Assim, o presente estudo aparece dividido em 3 capítulos, sendo o primeiro sobre a formação para a vivência da vocação consagrada concepcionista, uma vez que o acompanhamento é orientado no sentido de fazer o caminho de fidelidade na correspondência ao chamamento de Deus a viver os conselhos evangélicos, a viver em comunidade e a viver em missão, no decorrer da etapa formativa chamada de juniorado.

No segundo capítulo são apresentadas referências bíblico-teológica do acompanhamento. Trata do acompanhamento à luz do Magistério da Igreja; o acompanhamento à luz da Palavra de Deus, dos agentes da formação, e do modelo de integração no acompanhamento.

O terceiro capítulo dá indicações para a prática do acompanhamento, apresentando o desafio da interculturalidade, áreas de capacitação do acompanhante, tipo de relação a estabelecer entre as partes e a estrutura de um encontro de acompanhamento pessoal.

## CAPÍTULO I

### FORMAR NA VIVÊNCIA DA VOCAÇÃO À VIDA CONSAGRADA CONCEPCIONISTA

“Seduziste-me Senhor, e eu me deixei seduzir”. A vida consagrada, por suas particulares exigências, não pode abraçar-se por decisão ou fracasso, mas, por ilusão e enamoramento. Os consagrados não podem ser pessoas dececionadas do mundo mas enamoradas de Cristo, por quem se deixaram seduzir. O vazio, a desilusão e o fracasso podem até ter um papel na pedagogia de Deus, mas nunca poderão converter-se numa motivação fundamental e na razão definitiva para optar pelo seguimento radical de Cristo, em que consiste a vida consagrada.

Ela é uma “forma estável de viver pela qual os fieis, sob a ação de Espírito Santo, seguindo a Cristo mais de perto, se consagram totalmente a Deus”<sup>9</sup>. Essa forma de vida torna-se consagrada, mediante a profissão dos conselhos evangélicos, e relaciona-se diretamente com a forma de vida de Jesus e daqueles que Ele chamou a segui-lo mais imediata e intimamente<sup>10</sup>.

Todo o processo formativo de uma pessoa consagrada, inclusive o acompanhamento pessoal, é um contributo a que assuma progressivamente a sua identidade vocacional no que ela tem de significativo e específico: a vivência dos conselhos evangélicos, numa vida fraterna em comunidade e em ordem à missão. Cada Congregação, por inspiração de Deus, o assume de forma muito própria.

---

<sup>9</sup> CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja, (Lumen Gentium)*, 44, União gráfica, Lisboa, 1972.

<sup>10</sup> Cf *Ibidem*, 13.

## 1. Viver os conselhos evangélicos

A vida consagrada não se identifica pela sua ação, pelas características da sua atividade, mas pela configuração com Cristo no mistério da sua vida casta, pobre e obediente à vontade do Pai. É uma forma radical de seguir Cristo, que abrange todas as dimensões da vida de uma pessoa, num projeto de vida a ser assumido pessoal e comunitariamente.

### Pobreza

“Pobreza é antes de mais, um reconhecimento do tudo de Deus”<sup>11</sup>. Assim se refere Giordano Cabra<sup>12</sup> à pobreza voluntária, que o consagrado abraça, escolhendo decididamente a Deus, em quem descobre a plenitude, renunciando aos ídolos.

A resposta ao chamamento de seguir Jesus pobre, permite compreender e participar de modo íntimo na missão de Jesus pobre, servo e humilde que veio trazer o amor de Deus ao mundo, sem reclamar contrapartidas de riqueza ou poder, mas, contando somente com a suprema força do amor<sup>13</sup>. “O seu primeiro significado é testemunhar Deus como verdadeira riqueza do coração humano”<sup>14</sup>. Mas este tem implicações práticas para o consagrado que assim deverá dar “um renovado e vigoroso testemunho evangélico de abnegação e sobriedade, num estilo de vida fraterna inspirada por critérios de simplicidade e de hospitalidade. Tal testemunho há-de ser acompanhado pelo amor preferencial pelos pobres e manifestar-se-á, de modo especial, na partilha das condições de vida dos mais desfavorecidos”<sup>15</sup>.

---

<sup>11</sup> P. CABRA, *Breve corso sulla vita consecrata*, Queriniana, Brescia, 2002, 216.

<sup>12</sup> Sacerdote e religioso dedicado à teologia da vida consagrada e autor de vários livros sobre consagração, votos e vida fraterna.

<sup>13</sup> Cf P. CABRA, *Breve corso sulla vita consecrata*, 216-218.

<sup>14</sup> JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Vida Consagrada e a sua Missão na Igreja e no Mundo*, (Vita Consecrata), 90, A.O., Braga, 1994.

<sup>15</sup> *Ibidem*.

## **Castidade**

Foi sempre difícil viver a castidade mas hoje também é difícil explicá-la por ser vulgarmente interpretada como uma renúncia ao amor<sup>16</sup>. Contudo, “na base da castidade consagrada está a experiência de ser envolvido numa aventura de amor, [...]é um tipo de enamoramento, [...] é a sensação de que, respondendo àquela divina sedução, Deus se torna o Único. É assim que alguém decide e se compromete com Deus, amado como único amor. É desta forma que o consagrado pode ter muitos amigos, muitos irmãos mas que um só é o Esposo”<sup>17</sup>.

Como o que encontra um tesouro vende tudo para comprar o campo (Mt 13, 44), assim aquele que encontra no Senhor o seu tesouro, tudo faz para o possuir. “O exemplo de Jesus que vive voltado para o Pai e orientado para os Irmãos, é anúncio da possibilidade de uma vida nobre, guiada pelo amor (*agápé*) em direção ao Outro e ao outro”<sup>18</sup>.

Na origem da virgindade está o fato de Jesus a ter vivido anunciando um Reino pelo qual vale a pena deixar tudo, inclusive o poder gozar da presença contínua e íntima da pessoa amada<sup>19</sup>.

O consagrado vive este voto se, na liberdade, se deixar tomar por Cristo, procurando-o sempre na oração, na contemplação e na missão<sup>20</sup>, abrindo-se aos dons de Deus mais que aos próprios sonhos de conquistas heróicas<sup>21</sup>. Quando a castidade é expressão do especial amor por Deus e pelos Irmãos é sempre fecunda, à imitação da que viveu a virgem Maria.

## **Obediência**

Seguir Cristo implica assumir a sua vida na dupla dimensão de atitude interior perante o Pai e do anúncio do Reino (cf. Lc 8, 1- 2). Ele que era de condição divina, esvaziou-se a si

---

<sup>16</sup> Cf P. CABRA, *Breve corso sulla vita consecrata*, 195.

<sup>17</sup> *Ibidem*, 200.

<sup>18</sup> *Ibidem*

<sup>19</sup> Cf A. RIBEIRO, *Vida Consagrada: Sinal e Serviço*, Paulistas, Lisboa, 1994, 121.

<sup>20</sup> Cf *Ibidem*.

<sup>21</sup> M. MORUJÃO, “Castidade: Consagrados para servir”, in *Vida Consagrada*, Ano XXXIII, janeiro (2013), 11.

mesmo, tomando a condição de servo (Fl 2, 5) para realizar a vontade do Pai (Hb 10, 7), de que fez o seu alimento (cf. Jo 4, 34).

O conselho evangélico da obediência “manifesta a graça libertadora de uma dependência filial e não servil, rica de sentido de responsabilidade e animada pela confiança recíproca, que é reflexo, na história, da amorosa correspondência das três pessoas divinas”<sup>22</sup>. A obediência consagrada vem da “paixão por fazer a vontade de Deus”<sup>23</sup>, “nos passos de Cristo obediente”<sup>24</sup>, “à luz e na força do Espírito Santo”<sup>25</sup>.

Cristo obediente é modelo e sustém a razão última de uma vida obediente e realizada segundo Deus. A sua imitação é, juntamente com outros fatores, a garantia de uma vida missionária eficaz: “O filho de Deus redimiu o mundo mediante a sua obediência exemplar, na qual passou a vida em plena submissão ao Pai”<sup>26</sup>. Discernir a vontade de Deus a que se é chamado e se deseja realizar, é tarefa de cada um, de cada comunidade, de cada superior, de todos os dias.

## **2. Viver em Comunidade**

A vida comunitária dos consagrados é uma forte interpelação para a sociedade. “ Que alguns homens se unam sem se conhecer para viverem juntos, com ideias diferentes, procedências diversas, caracteres diferentes, isso não é facilmente explicável. Que se unam para viver no celibato, sem possuir nada em propriedade e cada um querendo ser servo do Irmão, isso não é explicável humanamente. Que esqueçam os laços da carne e do sangue e

---

<sup>22</sup> *Vita Consecrata*, 21.

<sup>23</sup> P. CABRA, *Breve corso sulla vita consecrata*, 232.

<sup>24</sup> *Ibidém*, 233.

<sup>25</sup> *Ibidém*, 235.

<sup>26</sup> *Lumen Gentium*, 2, 3.

anteponham o empenho por obedecer juntos à vontade de Deus, também não é humanamente explicável. A comunidade religiosa só é explicável pela fé”<sup>27</sup>.

A vida em comunidade é uma realidade trinitária: é dom de Deus, nasce do amor de Jesus e tem por princípio o Espírito Santo<sup>28</sup>. É portanto mistério teologal que é vivido em grupo humano. Ela pretende viver pública e oficialmente, o mistério da comunhão com Deus e com os Irmãos que partilham da mesma fé, vocação e carisma.

“A vida fraterna desempenha um papel fundamental no caminho espiritual das pessoas consagradas, tanto para a sua constante renovação como para o pleno cumprimento da sua missão no mundo”<sup>29</sup>. A principal missão de uma comunidade religiosa, é a de tornar presente, com a sua vida e ação, os valores evangélicos, de oferecer presença e qualidade apostólica sempre renovada, impregnadas de sentido evangélico, segundo o próprio carisma. “Com a profissão dos conselhos evangélicos, [...] os religiosos tornam-se comunitariamente sinal profético da íntima união com Deus sumamente amado. Além disso, pela experiência quotidiana de uma comunhão de vida, de oração e de apostolado, como componente essencial e distintivo de sua forma de vida consagrada, faz-se sinal de comunhão fraterna”<sup>30</sup>.

A comunidade religiosa, para ser entendida como sinal de comunhão, precisa realizá-la no concreto das relações. “Ela nunca poderá ser entendida adequadamente abstraído das pessoas que a formam. É composta de indivíduos concretos com uma carga somática, psíquica e espiritual. Os elementos estruturais de cada um condicionam inevitavelmente a trama relacional”<sup>31</sup>.

---

<sup>27</sup> M. ASIAÍN, “Comunidade: Reflexão teológica”, in A. APARICIO - J. CANALS (Org.), *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, Paulus, São Paulo, 1994, 197.

<sup>28</sup> Cf. *Ibidem*, 195-196.

<sup>29</sup> *Vita Consecrata*, 45.

<sup>30</sup> CIVCSVA, *Vida Fraterna em Comunidade, (Congregavit nos in unum Christi amor)*, Tipografia Vaticana, Roma. 1994, 10.

<sup>31</sup> F. CAMPO, “comunidade religiosa. Aspectos psicológicos”, in A. APARÍCIO, J. CANALS (Org.), *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, 201.

A comunidade não se herda mas constrói-se. Para tal é necessário conhecermos o outro, os outros, e isso só acontece se o próprio, psicologicamente se conhece. Quando isto acontece, são facilitadas relações interpessoais positivas.

Apesar do sentido teológico da comunidade ser basilar, a antropologia e a psicologia ajudam em muito a construí-la, já que Deus “sonhou” e inspirou esta realidade a homens e mulheres, para que a realizem enquanto tais, segundo os dinamismos próprios dessa condição.

O sentido de pertença a uma comunidade facilita a sua aceitação como própria família, tal como ela é, com os seus dons e debilidades, e fomenta também o empenho na realização da missão<sup>32</sup>.

### **3. Viver em Missão**

A configuração com Cristo, assumindo a sua forma de vida, própria da vida consagrada, coloca-a no coração da missão. A sua principal tarefa é de ter viva a direção incondicional à missão que o Filho de Deus ensinou, vendo neste mundo, o sentido pelo qual manifestou ser “o supremo consagrado e missionário do Pai pelo seu reino”<sup>33</sup>.

A Igreja existe para a Missão que não é outra se não a de Cristo. A missão supõe, portanto, a comunhão com os Irmãos, que deve ser conduzida pela caridade e pela verdade. Chega mesmo a exigir o ministério da denúncia para o bem do mundo e a realização da vontade de Deus. “A principal razão da missão não está nas necessidades dos destinatários, mas n’Aquele que se deu por nós e quer que nos entreguemos pelos Irmãos”<sup>34</sup>. Os religiosos são chamados a fazer das suas ações, “mediações de universalidade, o que significa que a opção preferencial pelos pobres é sempre mediação dessa outra opção mais fundamental, que

---

<sup>32</sup> Cf. B. GOYA, *Formación integral a la vida consagrada. A la luz de la exhortación possinodal*, San Pablo, Madrid, 1998, 137.

<sup>33</sup> *Vita Consecrata*, 22.

<sup>34</sup> P. CABRA, *Breve curso sulla vita consecrata*, 178.

é a opção pela grande comunhão de todos no reino. Nesse sentido os religiosos devem ser imaginativos, criadores de plataformas de comunhão”<sup>35</sup>.

Por um lado o reino só pode ser proclamado a partir da comunhão, e por outro, Jesus manifesta que o reino é o grande acontecimento da comunhão, da reunião dos filhos de Deus dispersos. “O projeto de Jesus realizava-se à medida que o amor aproximava os afastados e os congregava em família reunida sob o olhar amoroso do Pai”<sup>36</sup>. Os religiosos devem fazer das suas atividades, mediações de universalidade.

No horizonte do seguimento de Jesus histórico, comprometido com os pobres, a vida religiosa procura viver essa dimensão fundamental da vida cristã e fonte permanente de inspiração de toda a vida religiosa. Jesus anunciou e assinalou o Reino de Deus presente através do sinal, entre outros, da evangelização dos pobres (cf. Lc 4, 16-30; Mt 11, 5). A vida religiosa inserida no meio dos pobres, torna presente esse sinal messiânico e aponta, assim, para a presença do Reino entre nós (Lc 17, 21).

A Exortação Apostólica *vita consecrata*, aponta como areópagos da missão, a formação dos jovens<sup>37</sup>, a evangelização das culturas<sup>38</sup>, a presença no mundo da comunicação social<sup>39</sup> e o diálogo ecuménico<sup>40</sup>.

O Papa Francisco desafia à missão, dizendo que “hoje, as pessoas precisam certamente de palavras, mas sobretudo têm necessidade de quem testemunhe a misericórdia e a ternura do Senhor que aquece o coração, desperta a esperança e atrai para o bem”<sup>41</sup>. Recorda ainda que homens e as mulheres do nosso tempo esperam palavras de consolação,

---

<sup>35</sup> J. PAREDES, “Missão: Missão carismática dos Institutos Religiosos”, in A. APARÍCIO - J. CANALS (Org.), *Dicionário Teológico da vida consagrada*, 696.

<sup>36</sup> J. PAREDES, “Missão: Missão carismática dos institutos religiosos”, 695.

<sup>37</sup> *Vita Consecrata*, 96 e 97.

<sup>38</sup> *Ibidem*, 98.

<sup>39</sup> *Ibidem*, 99.

<sup>40</sup> *Ibidem*, 100.

<sup>41</sup> FRANCISCO, “A evangelização faz-se de joelhos”, homilia na missa conclusiva das jornadas dedicadas aos seminaristas e noviças no ano da fé (Roma, 7 de Junho de 2013) in *L’Osservatore Romano*, ed. Port., 28, domingo, 14 de Julho de 2013, 7.

proximidade, perdão e alegria verdadeira e que os consagrados são sinal de humanidade plena, e facilitadores da graça<sup>42</sup>.

#### **4. Viver a Vocação Concepcionista ao Serviço dos Pobres**

A Congregação das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres foi fundada em Elvas, Portugal, em 1939, por Maria Isabel Picão Caldeira Carneiro, que assumiu o nome de Maria Isabel da Santíssima Trindade (1898-1963)<sup>43</sup>, e é de Direito Pontifício, aprovada pelo Papa João Paulo II, a 5 de Julho de 1998. De acordo com o *Plano de formação*, “*Dom e Encanto*”, a concepcionista está ao serviço de uma única missão e quer viver em plenitude o carisma recebido. Este dom do Espírito que está na origem do Instituto e da vocação de cada uma, permanece como ponto constante para o qual se orienta e com o qual se mede a fidelidade ao plano de Deus, do Instituto e de cada concepcionista.

Maria Imaculada, o Serviço e os Pobres, marcam a vida de Madre Maria Isabel, e tornam-se características principais da Congregação. No processo formativo, cada membro é ajudado a assumir com liberdade, e a viver em fidelidade criativa e alegre, conforme as suas aptidões, a identidade concepcionista<sup>44</sup>.

#### **Concepcionistas**

A palavra “Concepcionista” aponta por si o essencial da espiritualidade que a caracteriza: Maria no Mistério da Imaculada Conceição, “por cujas mãos Deus quis que nos reuníssemos”<sup>45</sup>.

---

<sup>42</sup> Cf *Evangelii Gaudium*, 47.

<sup>43</sup> É conhecida por Madre Isabel, e é com este nome que são referidos os seus escritos.

<sup>44</sup> Cf IRMÃS CONCEPCIONISTAS AO SERVIÇO DOS POBRES (ICSP), *Dom e Encanto, Plano de Formação*, Lisboa, 2006, 13-16.

<sup>45</sup> MADRE ISABEL, Resumo de conferências 1, 1, in *Lembrai-vos sempre*, Editorial Franciscana, Braga, 1995. Todos os documentos citados de Madre Isabel correspondem a este mesmo livro pelo

Ser Concepcionista é proclamar o absoluto de Deus, contemplar o seu amor misericordioso, a sua beleza, e a sua transparência; é ser *sinal* do amor gratuito de Deus Pai, *expressão* profética da Redenção operada por Cristo e revelação do mistério da graça e da santidade de Deus; é ser sinal do Reino pelo testemunho de uma vida casta e pura na contemplação de Maria. É acolher Jesus e viver com Ele na intimidade do coração. Esta herança recebeu-a Madre Isabel, de Santa Beatriz da Silva, através das Religiosas da Ordem da Imaculada Conceição.

A “Mãe Amadíssima”, sob a invocação da Imaculada, está presente na vida da concepcionista, porque, é “modelo que arrasta”<sup>46</sup> e aponta para Cristo. Como Maria contemplou e amou Jesus, assim cada concepcionista O deve contemplar e amar em “todos os que precisam do seu auxílio”<sup>47</sup>.

O coração da concepcionista é mariano: “o amor a Maria será, pois, o sopro que há-de vir acender em lume vivo a Congregação”<sup>48</sup>. Segundo Madre Isabel, a vocação especial a que Deus a chama é a de, com toda a disponibilidade, “seguir as pisadas de Maria e dizer com Ela num acto de puro amor: Sim meu Deus, sou vossa serva”<sup>49</sup>. Zelosa pela “causa de Deus”, a concepcionista tem de ser pobre, humilde, simples, amando a cruz como um “tesouro com que Deus a enriquece”,<sup>50</sup> mergulhando constantemente na “fonte Eucarística”,<sup>51</sup> para encontrar a energia que a leva a dar glória a Deus, honrar Maria e servir os Irmãos.

### **Consagradas ao serviço**

O *serviço* exprime a atitude radical de Cristo que “despojando-se totalmente a Si mesmo, assumiu a condição de servo”( Ef 2, 7), “veio para servir e não para ser servido” (Mt

---

que se passará a registar apenas com o nome da autora, título e numero, uma vez que os textos estão divididos por números.

<sup>46</sup> MADRE ISABEL, *Pensamentos*, 84. 2.

<sup>47</sup> MADRE ISABEL, *Mensagem*, 5.

<sup>48</sup> MADRE ISABEL, *Pensamentos*, 108.

<sup>49</sup> *Ibidem*, 84.3.

<sup>50</sup> MADRE ISABEL, *Pensamento*, 85.

<sup>51</sup> MADRE ISABEL, *Cartas enviadas*, 41.

20, 28). O lava-pés é bem o gesto simbólico da entrega total de Jesus ao serviço da Humanidade. A Igreja, acolhendo o apelo de Jesus “como eu fiz, fazei vós também”(Jo 13, 15), assume a atitude de serviço como expressão fundamental e concreta da vivência do amor e da caridade aos irmãos. Maria, a discípula de Cristo servo, pobre e humilde, fez-se também serva do seu Senhor.

Madre Isabel escolheu como distintivo da concepcionista a legenda “*Ecce Ancilla Domini*”, “eis a serva do Senhor”. Nisto manifestou o fim principal da sua Congregação: servir o Senhor nos Pobres. Os sentimentos e gestos do próprio Jesus são o modelo que cada Irmã deve seguir: “dar Jesus, representar Jesus, fazer irradiar Jesus pela convicção cada vez mais arraigada de que foi Ele que nos escolheu”<sup>52</sup>.

O serviço concepcionista é um meio de evangelização. Madre Isabel exorta as Irmãs a serem sempre “servas”, para que as pessoas se edifiquem tocadas pela sua caridade e humildade: “A caridade para com todos deve espalhar-se como um perfume”<sup>53</sup>. Trata-se de uma atitude interior de inteira disponibilidade, que é preciso cultivar constantemente. Isto facilita a atenção, a escuta dinâmica e audaz, dos gritos de angústia e sofrimento dos homens, na procura de uma resposta libertadora. O serviço deve ser, pois, vivido numa entrega disponível, alegre e humilde, “feito no silêncio”, acolhendo com amor e carinho todos os necessitados, reconhecendo-lhes a sua dignidade de filhos de Deus.

### **Privilegiando os pobres**

A missão esteve sempre muito clara e bem definida para Madre Isabel. Como Cristo foi enviado a anunciar a Boa Nova aos pobres, também ela concretizou na sua vida este apelo de Deus no grito do povo, exclamando: “fiz-me pobre para privilegiar os pobres”<sup>54</sup>. Identificou-se com o irmão pobre; partilhou a sua sorte; despojou-se dos seus bens; fez a

---

<sup>52</sup> *Pensamento* 147.

<sup>53</sup> MADRE ISABEL, *Pensamentos*, 84. 3.

<sup>54</sup> MADRE ISABEL, *Pensamentos*, 161.

descoberta do rosto de Cristo sofredor nas crianças, nos idosos e nos doentes, nos necessitados. Foi para todos estes que a Congregação nasceu e que Deus escolheu as Irmãs: “Nós fomos escolhidas para a Sua grei que são os pobres”.<sup>55</sup> Eles são a razão de ser da entrega a Deus e a paixão principal das Irmãs Concepcionistas.

Participando da missão evangelizadora da Igreja, deixando-se devorar pela causa de Deus,<sup>56</sup> a concepcionista é presença maternal de Maria junto dos pobres e necessitados, seja qual for a sua carência, amando-os e contemplando-os, qual “Eucaristia” de Presença viva e verdadeira do próprio Cristo.

Os Pobres por quem se deixou tocar Madre Isabel, foram sobretudo as crianças famintas e órfãs, os idosos, os sós, os doentes e os “sem fé”. A eles se dedicou inteiramente, servindo informalmente, mas sobretudo com a criação de obras sociais. O carisma encontra-se sempre em aberto exigindo que em cada época se faça o discernimento sobre quem são os Pobres. O Papa Francisco tem iluminado e impulsionado este discernimento com constantes desafios a sairmos, a irmos às periferias existenciais da sociedade e onde estiver o pobre, amá-lo, estimá-lo como de alto valor, em proximidade real e cordial, acompanhando-os no seu caminho de libertação<sup>57</sup>.

## **5. Viver uma etapa, “juniorado”**

O juniorado constitui um período de formação que vai desde a profissão temporária até à profissão perpétua, durante o qual a pessoa consagrada faz a sua primeira experiência de fidelidade aos compromissos assumidos, concretizando, na vida quotidiana, a total doação de

---

<sup>55</sup> *Ibidem*, 22.

<sup>56</sup> *Ibidem*, 161.

<sup>57</sup> *Evangelii Gaudium*, 199.

si ao Senhor<sup>58</sup>. É um tempo próprio para favorecer o contínuo processo de maturação humana e espiritual, e a preparação para a missão, ajudando a consolidar a sua vocação no serviço aos Pobres. Permite ao Instituto uma posterior verificação da sua idoneidade para emitir os sucessivos votos temporários e em particular a profissão perpétua, tendo sempre em conta as exigências da missão. Neste tempo, experimenta todas as exigências da vida e da Missão Concepcionista.

Após a profissão temporária, a júnior é inserida numa comunidade da Congregação na qual viverá o seu contínuo empenho de crescimento e de preparação para a profissão perpétua. A comunidade de formação participa nos processos educativos, estimula a criatividade das jovens, e oferece-lhes um testemunho de vida evangélica.

O juniorado abrange todo o período dos votos temporários que na Congregação das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres dura normalmente seis anos. Neste contexto, o termo “júnior” não é referente à idade de uma pessoa mas à etapa formativa em que se encontra.

### **Objectivos**

O objectivo desta fase é permitir o crescimento e a consolidação do ser religioso em todas as dimensões da sua personalidade. Esta passagem a um estilo de vida mais aberto e a actividades muito absorventes conduz, muitas vezes, à desorientação e aridez. Trata-se de recolher os frutos das etapas precedentes e de prosseguir no seu próprio crescimento humano e espiritual, pela prática daquilo a que a júnior se comprometeu. “Jesus educou os seus discípulos através das crises que sofreram. Por anúncios sucessivos da Paixão, preparou-os para se converterem em discípulos mais autênticos. A pedagogia desta etapa visa permitir à

---

<sup>58</sup> Cf ICSP, *Dom e Encanto*, 76-89.

Irmã caminhar verdadeiramente através de toda a sua experiência”<sup>59</sup> em ordem a uma progressiva maturidade.

Numa caminhada gradual para a integração dos vários níveis da personalidade, em função da realização do carisma, os objectivos gerais deste período são os seguintes: Consolidar a experiência de Deus; Progredir na comunhão com Cristo, em ordem a uma configuração sempre maior com Ele; crescer na vida teologal e docilidade ao Espírito; participar no Mistério Pascal de Cristo; desenvolver harmoniosamente a vocação e a missão e Intensificar a formação teológico-pastoral.

No processo formativo deverá ter-se em particular atenção as diferentes dimensões do ser, a potenciar e desenvolver:

#### Dimensão humana e cultural

Nesta etapa deverá continuar o processo de maturidade humana, para que seja capaz de se conhecer em profundidade, intuir dificuldades e problemas, facilitar o encontro e o diálogo, obter confiança e colaboração, exprimir juízos serenos e objectivos; educar para o amor à verdade, ao respeito por cada pessoa, ao sentido da justiça, de fidelidade à palavra dada, à verdadeira compaixão, à coerência, e ao equilíbrio de juízos e comportamentos; capacitar para o relacionamento com os outros, fomentando relações sinceras e fraternas, na compreensão, perdão e entreaajuda; valorizar a riqueza de ser mulher no primado da interioridade, na arte de estabelecer relações de reciprocidade, amizade e fraternidade, integrando afectividade e sexualidade no relacionamento entre irmãs, pobres e sociedade; formar para a liberdade como caminho e fundamento da realização do próprio ser, para se tornar verdadeiramente dona de si mesma, decidida a combater e a superar as diversas formas de egoísmo e de individualismo;

---

<sup>59</sup> *Potissimum Institutioni*, nº59.

### Dimensão espiritual-cristã

Em ordem à maturidade cristã, deverá: Continuar o processo educativo da vida espiritual; ler, meditar, e rezar a Palavra de Deus, em atitude de escuta humilde; experimentar o sentido autêntico da oração cristã, encontro vivo e pessoal com o Pai pelo Filho Unigénito e sob a acção do Espírito Santo, num diálogo que se faz participação do colóquio filial que Jesus tem com o Pai; viver e aprofundar a Eucaristia como ponto culminante da oração cristã e redescobrir, no âmbito da formação espiritual, a beleza e a alegria do sacramento da Reconciliação;

### Dimensão religiosa-consagrada

Para progredir nesta dimensão deverá: prosseguir no profundamento das virtudes próprias da Comunidade Concepcionista; crescer na capacidade de harmonizar contemplação e acção; viver em atitude de crescimento amadurecido e consciente das suas imperfeições e das dos outros, aceitando-as como normais num processo de conversão; valorizar a comunicação como o grande veículo da edificação e construção de uma comunidade verdadeira e forte; viver em atitude de discernimento, para assumir um compromisso definitivo com a profissão perpétua na Congregação; aprofundar as exigências concretas dos conselhos evangélicos, tanto na teoria como na prática; fazer um acompanhamento pessoal, pelo diálogo e avaliação com a Mestra e Superiora da Comunidade.

### Dimensão apostólica, carismática

Para viver como concepcionista deverá: assumir progressivamente a responsabilidade da sua missão na Igreja e no mundo, em sintonia com o carisma concepcionista, com os seus próprios dons e aspirações, procurando disponibilizar-se para os diversos compromissos apostólicos da Congregação; adquirir os conhecimentos doutrinários necessários à realização da missão; conhecer as orientações da Igreja sobre os problemas sociais mais graves do nosso

mundo; crescer na participação activa, na corresponsabilidade e na identificação com a vida e o trabalho da Congregação; Respeitar as outras culturas, esforçando-se por conhecer os valores, a língua e os costumes, de modo particular dos povos e países onde a Congregação está radicada.

### **Meios**

O envolvimento sempre mais generoso na vida fraterna, a fidelidade aos compromissos da consagração, a seriedade no estudo, o serviço alegre e concreto aos Pobres e a gradual inserção no apostolado, constituem momentos essenciais do juniorado. Tendo em conta os objectivos apresentados e procurando responder a esta realidade, entre um elenco de vários meios referidos no plano de formação, aparece o acompanhamento pessoal que deverá ter no processo formativo, uma maior relevância e aprofundamento pelo seu papel pertinente na ajuda à maturidade das jovens e em ordem à realização de tão extensos objectivos.

### **Avaliação**

O já referido plano formativo apresenta a avaliação como elemento importante no processo que deverá envolver formanda, formadora e comunidade. Ao longo do caminho, formanda e formadora deverão: avaliar a maturidade humana quanto a auto-conhecimento, capacidade de expressar a própria feminilidade na alegria de ser mulher, capacidade de administrar com liberdade a própria afectividade, e integrar a sexualidade numa direcção oblata de todo o ser, disponibilidade para viver uma pluralidade de situações existenciais, sem se desorientar nem se dissipar; disposição para unificar todos os actos e os aspectos da vida quotidiana como a afectividade, racionalidade, relacionamentos ou religiosidade.

Avaliar a maturidade cristã quanto a integração de oração/trabalho/estudo, capacidade de solidão, assiduidade à oração, centralidade e configuração com Cristo, interiorização da

Palavra de Deus, para discernir nos acontecimentos do quotidiano, o desígnio de Deus e abertura aos desafios da Igreja e do mundo.

Avaliar a vivência dos votos, quanto a consciência do valor da castidade consagrada e das renúncias que ela comporta, experiência concreta de desapego e de liberdade no uso dos bens e partilha com os pobres, disponibilidade para, na obediência, colocar ao serviço das irmãs e dos pobres os próprios recursos e dons, capacidade de administrar e organizar o tempo e o trabalho como dependência activa e responsável daquilo que Deus pede e a missão comporta.

Avaliar o tipo de diálogo com a irmã que a acompanha; o tipo de relação que estabelece com a comunidade; a participação na missão de Serviço aos Pobres quanto a disponibilidade para qualquer tarefa ou actividade, com particular atenção aos mais Pobres, sentido de pertença à Congregação na adesão sincera ao seu projecto, capacidade de descobrir os valores das outras culturas e de se inserir nelas, sentido de responsabilidade em relação à própria formação em continua abertura ao diálogo, à procura e ao confronto<sup>60</sup>.

---

<sup>60</sup> Cf ICSP, *Dom e Encanto*, 85-86.

## CAPÍTULO II

### REFERÊNCIAS BIBLICO-TEOLÓGICA DO ACOMPANHAMENTO

#### 1. Acompanhamento à luz da Palavra de Deus

“É indispensável que a Palavra de Deus se torne cada vez mais o coração de toda a actividade eclesial”<sup>61</sup>, porque ela é a luz para o caminho (cf SI 119, 105), também para o caminho de acompanhamento pessoal.

##### Prática de Jesus

Num olhar sobre várias passagens dos evangelhos em que se relatam encontros pessoais com Jesus, podemos aferir o seu jeito próprio de se relacionar e de proporcionar o encontro com a vida. Para quem tem por missão formar acompanhando, Jesus Cristo é o Mestre. A sua Palavra de vida constitui o método e o horizonte insuperável, que mede a verdade cristã do nosso educar e do converter-se educando. Encontram-se muitos pontos de contato entre a prática de acompanhamento pessoal de Jesus e os procedimentos das ciências humanas, apesar destas usarem uma linguagem bastante diversa<sup>62</sup>.

A singularidade da forma de Jesus educar, acompanhar e orientar para a vida, em rigor, não é imitável. “Ninguém pode acompanhar à maneira de Jesus, acompanhar à luz de Jesus Cristo, na verdade do Evangelho. O Evangelho, a realidade das ações de Cristo, é o acompanhamento autêntico, insubstituível”<sup>63</sup>. De facto, Jesus continua a ser o verdadeiro

---

<sup>61</sup> *Evangelii Gaudium*, 174.

<sup>62</sup> Cf. R. MARTINELLI, “La Samaritana. Una donna trasformata dalla fede grazie alla pedagogia di Gesù”, in *Direzione spirituale, maturità umana e vocazione*, Ancora, Milano, 1997, 190.

<sup>63</sup> *Ibidem* 192.

presente na vida de cada um, e a sua ação continua a ser a sua ação, e a sua vida, a vida verdadeira. Contudo, “o Evangelho pode suscitar discípulos, e o discípulo do Evangelho, isto é, aquele que deixa que o Evangelho atue, julgue, guie e conduza, pode aprender o que significa acompanhar no seguimento de Jesus”<sup>64</sup>. Acreditando nesta força do exemplo de Jesus, vamos olhar para ele.

Nos textos do Novo Testamento são vários os episódios de encontros pessoais com Jesus. Foram escolhidos apenas alguns que retratam diferentes circunstâncias, diferentes interlocutores, diferentes tipos de condução do diálogo, e distintas formas de Jesus comunicar e se comunicar.

#### Encontro de Jesus com Pedro

“De madrugada, Jesus foi ter com eles, caminhando sobre o mar. Ao verem-no caminhar sobre o mar, os discípulos assustaram-se e disseram: ‘É um fantasma!’ E gritaram com medo. No mesmo instante, Jesus falou-lhes, dizendo: ‘Tranquilizai-vos! Sou Eu! Não temais!’ Pedro respondeu-lhe: ‘Se és Tu, Senhor, manda-me ir ter contigo sobre as águas.’ ‘Vem’ - disse-lhe Jesus. E Pedro, descendo do barco, caminhou sobre as águas para ir ter com Jesus. Mas, sentindo a violência do vento, teve medo e, começando a ir ao fundo, gritou: ‘Salva-me, Senhor!’ Imediatamente Jesus estendeu-lhe a mão, segurou-o e disse-lhe: ‘Homem de pouca fé, porque duvidaste?’”(Mt 14, 22-31).

Nesta passagem observamos que Jesus está sempre presente, apesar da força vivificadora da sua presença, nem sempre ser entendida e sentida. A sua presença fala e convida à tranquilidade. Ele diz-se *ser* e, portanto, dá razões para uma confiança sem temor.

Conhece Pedro, ajuda-o a valorizar a sua humanidade e a reconhecer a Sua força em si mas Pedro vacilou na fé em Jesus fixando-se nas suas capacidades e, afinal, nos seus limites.

---

<sup>64</sup> *Ibidem*, 192.

Jesus não desistiu dele mas debruçou-se , estendeu-lhe a mão, segurou-o e fê-lo refletir no temor infundado, ou melhor na segurança absoluta, Ele mesmo.

Jesus dá espaço a que seja cada um a fazer o seu caminho, a descobrir a própria verdade e a procurar a vida que afinal só Ele oferece em si mesmo: Caminho, Verdade e Vida.

#### Encontro de Jesus com um leproso

“Um leproso veio ter com Ele, caiu de joelhos e suplicou: ‘Se quiseres, podes purificar-me.’ Compadecido, Jesus estendeu a mão, tocou-o e disse: ‘Quero, fica purificado.’ Imediatamente a lepra deixou-o, e ficou purificado. E logo o despediu, dizendo-lhe em tom severo: ‘Livra-te de falar disto a alguém; vai, antes, mostrar-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que foi estabelecido por Moisés, a fim de lhes servir de testemunho’. Ele, porém, logo que partiu, começou a apregoar e a divulgar o que acontecera, e assim, Jesus já não podia entrar abertamente em nenhuma cidade” (Mc 1, 40-45).

A reacção de Jesus é estranha, pois, em lugar de se afastar do leproso e de o acusar de infringir a lei, olha-o “compadecido”, manifestando assim, com o coração cheio de amor, a ternura de Deus pelos homens. Esse amor vai manifestar-se num gesto concreto para com o leproso “Jesus estende a mão e toca-o”. É, evidentemente, um gesto “humano”, que manifesta a bondade e a solidariedade de Jesus para com o homem.

Jesus, com a autoridade que Lhe vem de Deus, mostra que a marginalização imposta pela lei não expressa a vontade de Deus. Mostra que Deus não discrimina ninguém, que Ele quer amar e oferecer a liberdade a todos os seus filhos e que a todos Ele convida a integrar a família do Reino. O texto termina com a indicação de que o leproso purificado, “começou a apregoar e a divulgar o que acontecera, apesar do silêncio que Jesus lhe impusera. Marcos quer, provavelmente, sugerir que quem experimenta o poder integrador e salvador de Jesus, converte-se necessariamente em profeta e em testemunha do amor e da bondade de Deus.

## Encontro de Jesus com Levi

“Depois disto, Jesus saiu e viu um cobrador de impostos, chamado Levi, sentado no posto de cobrança. Disse-lhe: ‘Segue-me.’ E ele, deixando tudo, levantou-se e seguiu-o. Levi ofereceu-lhe, em sua casa, um grande banquete; e encontravam-se com eles, à mesa, grande número de cobradores de impostos e de outras pessoas. Os fariseus e os doutores da Lei murmuravam, dizendo aos discípulos: ‘Porque comeis e bebeis com os cobradores de impostos e com os pecadores?’ Jesus tomou a palavra e disse-lhes: ‘Não são os que têm saúde que precisam de médico, mas os que estão doentes. Não foram os justos que Eu vim chamar ao arrependimento, mas os pecadores’”. (Lc 5, 27-32)

Jesus, no meio de muita gente tem encontros pessoais, como é o caso do encontro com Levi, e é Ele próprio quem faz caminho em direção aos que precisam de ser tocados pela sua vida.

Os que tinham a profissão de cobradores de impostos eram desprezados entre os Judeus por quanto oprimiam o povo. No entanto, Jesus quis escolher um dos seus apóstolos de entre eles, revelando uma liberdade total nas suas escolhas. Trata-se de uma liberdade que liberta, porque nasce do amor. Levi, ‘deixando tudo, levantou-se e seguiu-o’. A libertação e a vida nova estão orientadas para o seguimento de Jesus. Levi, depois de fazer a experiência de encontro pessoal com o Senhor que o fez discípulo, faz dela um acontecimento de graça para outros.

## Encontro de Jesus com Nicodemos

“Entre os fariseus havia um homem chamado Nicodemos, um chefe dos judeus. Veio ter com Jesus de noite e disse-lhe: ‘Rabi, nós sabemos que Tu vieste da parte de Deus, como Mestre, porque ninguém pode realizar os sinais portentosos que Tu fazes, se Deus não estiver com ele.’ Em resposta, Jesus declarou-lhe: ‘Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer

do Alto não pode ver o Reino de Deus.’ Perguntou-lhe Nicodemos: ‘Como pode um homem nascer, sendo velho? Porventura poderá entrar no ventre de sua mãe outra vez, e nascer?’ Jesus respondeu-lhe: ‘Em verdade, em verdade te digo: quem não nascer da água e do Espírito não pode entrar no Reino de Deus’ (Jo 3, 1-5).

Jesus está disponível para acolher, sem reclamar da hora a que Nicodemos se lembra de o procurar. Põe-se em atitude de escuta, e comunica uma mensagem que vai no sentido de provocar no seu interlocutor o desejo de nascer de novo. Jesus deixa sempre o homem livre, mas dá-lhe oportunidade de ir, com seus oportunos ensinamentos, para além do que é humano, “nascer de novo”, nascer para Deus.

#### Encontro com o homem rico

“Naquele tempo, Jesus pôr-se a caminho, quando um homem correu para Ele e se ajoelhou, perguntando: ‘Bom Mestre, que devo fazer para alcançar a vida eterna?’ Jesus disse: ‘Porque me chamas bom? Ninguém é bom senão um só: Deus. Sabes os mandamentos: Não mates, não cometas adultério, não roubes, não levantes falso testemunho, não defraudes, honra teu pai e tua mãe.’ Ele respondeu: ‘Mestre, tenho cumprido tudo isso desde a minha juventude.’ Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele e disse: ‘Falta-te apenas uma coisa: vai, vende tudo o que tens, dá o dinheiro aos pobres e terás um tesouro no Céu; depois, vem e segue-me.’ Mas, ao ouvir tais palavras, ficou de semblante anuviado e retirou-se pesaroso, pois tinha muitos bens” (Mc 10, 17-27).

Este episódio de alguém que é chamado por Jesus a segui-lo, apresenta-nos um itinerário formativo num diálogo pessoal. Este homem aparece como um anónimo à procura de si, movido pelo sonho de um sentido. A pergunta é: “que devo fazer de bom para alcançar a vida eterna?” (Mc 10, 17). Apesar de ter um tom espiritual, ele anda também em busca de *si*. Cabe ao acompanhante, que no caso foi Jesus, “descobrir nas omissões verbais do

acompanhado a sede e a carência, o sofrimento e a necessidade humana, que, porventura, não se sabe sequer reconhecer, verbalizar e exprimir<sup>65</sup>.

Jesus responde ao seu interlocutor com outra pergunta: “porque me interrogas sobre o que é bom?” (Mc 10, 18). Partindo do que o outro pergunta, chega ao que o outro é, e desafia-o, ajudando-o a seguir o caminho do fazer e do ter para o ser<sup>66</sup>. Marcos termina este relato referindo a tristeza com que o homem se retirou depois do desafio de Jesus de amar o próximo partilhando e despojando-se (cf. Mc 10,22), no reconhecimento do absoluto de Deus e da sua vontade.

#### Encontro com Maria Madalena

“Dito isto, voltou-se para trás e viu Jesus, de pé, mas não se dava conta que era Ele. E Jesus disse-lhe: ‘Mulher, porque choras? Quem procuras?’ Ela, pensando que era o encarregado do horto, disse-lhe: «Senhor, se foste tu que o tiraste, diz-me onde o puseste, que eu vou buscá-lo.» Disse-lhe Jesus: ‘Maria!’ Ela, aproximando-se, exclamou em hebraico: ‘*Rabbuni!*’ - que quer dizer: ‘Mestre!’ Jesus disse-lhe: ‘Não me detenhas, pois ainda não subi para o Pai; mas vai ter com os meus irmãos e diz-lhes: ‘Subo para o meu Pai, que é vosso Pai, para o meu Deus, que é vosso Deus.’ Maria Madalena foi e anunciou aos discípulos: ‘Vi o Senhor!’ E contou o que Ele lhe tinha dito” (Jo 20, 14-18).

Jesus está presente e sensível à realidade das pessoas e revela a sua presença. Maria Madalena, movida por um ardente amor a Jesus, procura-o ativamente e este deixa-se encontrar por ela, que só O reconheceu depois de ouvir chamar o seu nome e perceber que Ele afinal a conhecia. Assim se revela Jesus chamando pelo nome, manifestando quanto conhece o interior de cada homem. Ele está presente, mas se não O procuramos, não O reconhecemos.

---

<sup>65</sup> Cf. L. MANICARDI, “A Formação à Luz do Evangelho”, in *Acompanhamento Espiritual*, Paulus, São Paulo, 2011, 64.

<sup>66</sup> Cf. *Ibidem*.

Quando respondemos à voz do Senhor, acontece um verdadeiro encontro que enche de alegria, e faz viver uma vida nova, transfigurada pelo Senhor.

#### Encontro com a Samaritana

“Chegou, pois, a uma cidade da Samaria, chamada Sicar, perto do terreno que Jacob tinha dado ao seu filho José. Ficava ali o poço de Jacob. Então Jesus, cansado da caminhada, sentou-se, sem mais, na borda do poço. Era por volta do meio-dia. Entretanto, chegou certa mulher samaritana para tirar água. Disse-lhe Jesus: ‘Dá-me de beber.’ Os seus discípulos tinham ido à cidade comprar alimentos. Disse-lhe então a samaritana: ‘Como é que Tu, sendo judeu, me pedes de beber a mim que sou samaritana?’ É que os judeus não se dão bem com os samaritanos. Respondeu-lhe Jesus: ‘Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: ‘dá-me de beber’, tu é que lhe pedirias, e Ele havia de dar-te água viva!’” (Jo 4, 4-10)

Jesus encontra a mulher no seu lugar de rotina, nas suas circunstâncias particulares e na sua subjetividade. “Chegou onde estava o poço de Jacob [...] por volta da hora sexta [...] chegou uma mulher da Samaria” (Jo 4, 6-7). Ele usa a mesma linguagem da pessoa que encontra, para se fazer entender, mas não fica só aí, ensina a Sua linguagem. Do relato, fica o desafio da abertura a compreender o outro, de encontrar os lugares onde se possa escutar e o desafio de interpretar, purificando a comunicação, trazendo à luz os significados profundos.

Há necessidade de que o formador no acompanhamento saiba falar com a pessoa real que é chamada a acompanhar e se faça escutar. Assim fez Jesus. Jesus escutou mas também reagiu falando, procurando progressivamente abrir caminho à compreensão da verdade. “A humanidade do educador, por insólita e paradoxal que seja, deve ser eloquente, capaz de

persuadir pela capacidade de radiação e transparência”<sup>67</sup>. Jesus não indaga por moralismo, nem desmascara para humilhar, mas conduz o outro a sentir-se reconhecido e livre.

O diálogo de Jesus com a Samaritana não foi sempre pacífico, amigável e ameno. Ele distingue e leva a distinguir necessidades artificiais dos desejos autênticos, por meio de interpelações duras, mas sem se irritar ou ser agressivo. Jesus desenvolve um diálogo construtivo que nos motiva a acompanhar com paciência, a ter coragem de, por amor, provocar e de levar a opções livres e libertadoras. “Jesus vive com a mulher uma forma particular de misericórdia que é o diálogo paciente. Com o diálogo, Jesus precede, sustem, leva a reconhecer que existe uma outra sede, exorta a aceitar os novos caminhos para novas fontes, apesar de a forçar, por assim dizer, a transformar toda a sua vida”<sup>68</sup>.

Neste diálogo é característica a gratuidade e um contínuo re-posicionamento dos dois interlocutores que, escutando-se, escutam o Espírito e a samaritana no decorrer da relação, abre-se cada vez mais ao dom de Deus. “Se conhecesses o dom de Deus...” (Jo 4, 10). Quando se descobre o dom de Deus, nada é mais atraente e persuasivo. Ele é quem cura e reconstrói com o seu amor misericordioso, aquele com quem se encontra, restituindo-lhe a liberdade.

“O dom de Deus é a fé no mistério de Jesus, que progressivamente se revela e no momento próprio se manifesta como imparável desejo de comunhão. À mulher revela identidade e missão numa original e inédita relação com ele”<sup>69</sup>. Jesus apresenta-se Ele mesmo como o dom de Deus. Isto acabou por acontecer de tal forma que a mulher se tornou a anunciadora do Messias, o Salvador (Jo 4, 42). O grande desafio que nos é colocado é o de que conheçamos de verdade o dom de Deus, que é Cristo Jesus, e que, conseqüentemente, passemos pela Samaria, isto é, nos abramos ao encontro com Ele.

---

<sup>67</sup> R. MARTINELLI, “La Samaritana”, 198.

<sup>68</sup> *Ibidem*, 202.

<sup>69</sup> *Ibidem*, 203.

À luz da experiência da mulher samaritana, podemos encontrar como formas de nos renovarmos: o encontro com a Pessoa de Jesus; a capacidade de alterar o caminho e a missão que cada um tem o dever de assumir. Samaria pode ser o lugar de encontro acompanhante-acompanhado, pode ser onde houver quem ainda não se encontrou com Cristo, ou pode ser onde haja pobres.

Este encontro transformador de Jesus é de contato pessoal. Apesar dos inúmeros meios de comunicação usados hoje que nos permitem veicular mensagens de escrita, voz e imagem, instantâneas, a presença física, pessoa a pessoa, tem, pela graça de Deus, um maior poder de O comunicar. Uma mulher que, à partida, não daria grandes esperanças, pela sua condição de estrangeira e de história de vida, tornou-se graças à sábia pedagogia de Jesus, uma anunciadora do Salvador.

### **Testemunho paulino**

Arriscamos a dizer que São Paulo apresenta o acompanhamento como um serviço de “difusão da Palavra de Deus”(2Ts 3, 1), tendo especial atenção à realidade da sociedade mas também do indivíduo. O acompanhamento não pode depender de afinidades seletivas. Radical e englobante é o princípio cristológico, sólido no Filho que, embora possuindo a condição Divina, interpreta este seu estatuto filial divino, assumindo a condição de servo, em perfeita identificação com os homens (Fil 2, 5ss), tudo em vista do nosso ‘conhecimento da sua graça’, do nosso ‘enriquecimento da sua pobreza’ (2Cor 8, 9), ou seja, da nossa filiação n’Ele (Gal 4; Rom 8)<sup>70</sup>. Ele chegou a apresentar-se como pai ou mãe (1Tes 2; 1Cor 4), mas, na grande maioria das vezes, interpela os seus destinatários hebreus, chamando-os “Irmãos”. “A fraternidade é um outro nome de “comunhão com o Evangelho”<sup>71</sup>.

---

<sup>70</sup> Cf. R. VIGNOLO, “O acompanhamento espiritual. Uma forma de “comunhão com o Evangelho”, in C. MARTINI (Org.), *Acompanhamento Espiritual*, Paulus, S. Paulo, 2011, 49.

<sup>71</sup> *Ibidem*, 45.

A relação de Paulo com Timóteo e Tito ajuda-nos a ver o seu jeito próprio de acompanhar. “Ao mesmo tempo que lhes confia a missão de permanecer numa cidade concreta para ‘acabar de organizar o que ainda falta’ (Tt 1, 5; cf. 1 Tm 1, 3-5), dá-lhes os critérios para a vida pessoal e a actividade pastoral. Isto é claramente distinto de todo o tipo de acompanhamento intimista, de auto-realização isolada. Os discípulos missionários acompanham discípulos missionários”<sup>72</sup>.

Partindo da forte experiência de encontro com o Senhor, Paulo deixou um exemplo coerente e consistente para a prática do acompanhamento em ordem à resposta fiel à vontade de Deus.

## **2. Documentos da Igreja sobre acompanhamento na vida consagrada**

Depois do Concílio Vaticano II, foi reforçada a tendência a configurar o caminho formativo como uma realização de grupo que se deveria reger comunitariamente, com menos atenção ao indivíduo e à sua individualidade, em reação a um individualismo dominante até esse período. Depois, gradualmente se foi tomando consciência da inconsistência desta teoria e consequente prática, e os documentos das últimas décadas vieram dar ênfase ao acompanhamento pessoal.

Apesar de a maioria dos documentos que se referem à formação na vida Consagrada não usarem o termo “acompanhamento”, adotado neste trabalho, a ele se referem direta ou indiretamente, tratando da formação em geral, das diferentes etapas formativas, e do importante papel dos formadores no processo formativo.

---

<sup>72</sup>*Evangelii Gaudium*, 173.

### **Perfectae Caritatis**

É um decreto do Concílio Vaticano II *sobre a adequada renovação da Vida Religiosa, de 1965*. Apesar de ser um documento de grande impacto para a Vida Consagrada, e da formação ser uma área de grande relevância, a ela refere-se apenas o número 18. Afirma que a renovação dos institutos depende, em grande parte da formação dos membros e expõe o dever que os superiores têm, de “cuidar que os directores, os mestres de espírito e os professores sejam muito bem escolhidos e cuidadosamente preparados”.

O critério apontado para a seleção é ter as qualidades necessárias para esta importante missão, não descuidando a formação permanente dos formadores. Exorta a que “durante toda a vida, procurem os religiosos completar cuidadosamente a cultura espiritual, doutrinal e técnica, e os Superiores dêem-lhes, tanto quanto puderem, oportunidade, ajuda e tempo para isso.”. Orienta ainda no sentido que, “a formação seja de tal modo orientada, que concorra pela harmónica fusão dos seus elementos, para dar unidade à vida dos religiosos”<sup>73</sup>.

### **Optatam Totius**

Decreto do Concílio Vaticano II sobre a formação sacerdotal, de 1965, é referido neste contexto, apesar de se direccionar à formação nos seminários, dado que apresenta o papel dos formadores, válido para outros contextos, também para os formadores dos consagrados. Refere o peso que tem na formação dos jovens a idoneidade do formador, refere que os formadores devem ser escolhidos entre os mais aptos, ter preparação diligente com sólida doutrina, conveniente experiência pastoral e uma especial formação espiritual e pedagógica<sup>74</sup>.

---

<sup>73</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, decreto *sobre a adequada renovação da Vida Religiosa, (Perfectae Caritatis)*, 18, União Gráfica, Lisboa, 1972.

<sup>74</sup> CONCÍLIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Decreto sobre a Formação Sacerdotal, (Optatam Totius)*, 5, União Gráfica, Lisboa, 1972.

## **Renovationis Causam**

Esta Instrução da Sagrada Congregação dos Religiosos e Institutos Seculares, de 1969, foi dedicada à renovação da formação na vida religiosa na simplificação das normas canônicas a ela respeitantes num esforço para que houvesse conformidade com as instruções do Decreto *Perfectae Caritatis*. É um apelo a uma formação adaptada à mentalidade das novas gerações, às condições do momento. Denota-se grande preocupação com as competências daquele que acompanha e guia, que é tido por mestre.

## **Potissimum Institutioni**

Instrução da Congregação dos Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, de 1990, está inteiramente dedicada à reflexão sobre a vida segundo os conselhos evangélicos, e elaborada no âmbito da formação. Este documento com diretrizes para os Institutos e os formadores, aponta como competências do formador, discernir, acompanhar, nutrir e verificar<sup>75</sup>, e alerta para que “a exigência de qualidade adequada, se torne evidente para os que assumem responsabilidades de formação”<sup>76</sup>.

Quanto ao acompanhamento há um alerta aos formadores, recordando “que os meios pedagógicos por si só não podem substituir uma verdadeira direção espiritual”<sup>77</sup>. Não sendo uma referência direta ao acompanhamento pessoal do formador, já que este não se confine a esse âmbito, denota uma valorização dos encontros pessoais na caminhada vocacional.

## **Congregavit nos in unum Christi amor**

Instrução da Congregação para os Institutos de Vida Consagrada e Sociedades de Vida Apostólica, *A vida fraterna em comunidade*, de 1994, teve grande repercussão. O documento, elaborado através de um longo percurso, constitui uma reflexão analítica sobre a vida fraterna

---

<sup>75</sup> Cf CIVCSVA, Instrução sobre a formação nos Institutos Religiosos, (*Potissimum Institutioni*), 30, A.O., Braga, 1990.

<sup>76</sup> Cf *Potissimum Institutioni*, 31.

<sup>77</sup> Cf *Potissimum Institutioni*, 52.

em relação ao desenvolvimento antropológico de nosso tempo e às aquisições da eclesiologia de comunhão. A vida fraterna é vista como ponto fulcral da Vida Consagrada em todas as suas dimensões, da formação para a missão.

Neste documento não há referências diretas ao acompanhamento pessoal por parte do formador, limitando-se a considerar importante “a ajuda de um guia espiritual, que conheça bem e respeite a espiritualidade e a missão do instituto, para discernir a ação de Deus, acompanhar o irmão nas vias do Senhor, nutrir a vida de sólida doutrina e de oração vivida”<sup>78</sup>.

### **Vita Consecrata**

Exortação Apostólica pós-sinodal de João Paulo II, de 1996, sobre a vida consagrada, representa um ponto de referência imprescindível para todos os que seguem Cristo casto, pobre e obediente. Afirma que “Instrumento essencial de formação é o colóquio pessoal, que há-de verificar-se regularmente, com uma certa frequência, como tradição de insubstituível e comprovada eficácia”<sup>79</sup>

Reconhecendo a tarefa do acompanhamento pessoal bastante delicada, considera de grande importância, “a preparação de formadores idóneos, que, no seu serviço, assegurem uma grande sintonia com o caminho de toda a Igreja”, e diz ser oportuno “criar estruturas adequadas para a preparação dos formadores”<sup>80</sup>.

### **Partir de Cristo**

Instrução da congregação para os institutos de vida consagrada e as sociedades de vida apostólica, sobre “um renovado compromisso da vida consagrada no terceiro milênio, de 2002. O documento, refere-se ao acompanhamento mas de forma muito marginal, reconhecendo ser uma realidade presente nas comunidades religiosas, que incentiva

---

<sup>78</sup> CIVCSVA, Instrução Apostólica, *Vida Fraterna em Comunidade, (Congregavit nos in unum Christi amor)*, 36, Tipografia Vaticana, Roma, 1994.

<sup>79</sup> *Vita Consecrata*, 66.

<sup>80</sup> *Ibidem*.

espiritualmente o povo de Deus. “As comunidades religiosas procurem sempre mais ser lugares para a escuta e a partilha da palavra, para a celebração litúrgica, a pedagogia da oração, o acompanhamento e a direção espiritual”<sup>81</sup>.

Referindo-se à missão dos superiores, diz requerer “constante presença, capaz de animar e de propor, de recordar a razão de ser da vida consagrada e de ajudar as pessoas que lhe foram confiadas no sentido de uma fidelidade sempre renovada ao chamado do Espírito, sem renunciar à escuta e ao diálogo”<sup>82</sup>, não dando relevo ao acompanhamento pessoal nem à formação personalizada.

### **Evangelii Gaudium**

Exortação Apostólica do Papa Francisco, “A Alegria do Evangelho” de 2013. Dedicou vários números ao “acompanhamento pessoal dos processos de crescimento (Cf 169-163). Apesar de não se referir especificamente ao acompanhamento de consagrados no seu processo formativo, as suas reflexões e orientações coadunam-se perfeitamente com esta realidade. No número 169, desafia a Igreja a ter “um olhar solidário para contemplar, comover-se e parar diante do outro”, e afirma que “os ministros ordenados e os outros agentes de pastoral podem tornar presente a fragrância da presença solidária de Jesus e o seu olhar pessoal. A Igreja deverá iniciar os seus membros – sacerdotes, religiosos e leigos, nesta «arte do acompanhamento», para que todos aprendam a descalçar sempre as sandálias diante da terra sagrada do outro (cf. Ex 3, 5). Devemos dar ao nosso caminhar o ritmo salutar da proximidade, com um olhar respeitoso e cheio de compaixão, mas que ao mesmo tempo que cure, liberte e anime a amadurecer na vida cristã”<sup>83</sup>.

Diz-nos no número 171 que o objetivo do acompanhamento é “conduzir cada vez mais para Deus, em quem podemos alcançar a verdadeira liberdade” ajudar a “conhecer o modo de

---

<sup>81</sup> CIVCSVA, *Partir de Cristo: Um renovado compromisso da vida Consagrada no Terceiro Milénio*, 8, Paulinas, Lisboa, 2002.

<sup>82</sup> *Partir de Cristo*, 14.

<sup>83</sup> *Evangelii Gaudium*, 170.

proceder, a partir da sua experiência de acompanhamento, onde reine a prudência, a capacidade de compreensão, a arte de esperar, a docilidade ao Espírito, para no meio de todos defender as ovelhas a nós confiadas dos lobos que tentam desgarrar o rebanho”

O acompanhamento que o Papa Francisco propõe, pede que se exercite “a arte de escutar, que é mais do que ouvir. Escutar, na comunicação com o outro, é a capacidade do coração que torna possível a proximidade, sem a qual não existe um verdadeiro encontro espiritual. Escutar ajuda-nos a individuar o gesto e a palavra oportunos que nos desinstalam da cómoda condição de espectadores. Só a partir desta escuta respeitosa e compassiva é que se pode encontrar os caminhos para um crescimento genuíno, despertar o desejo do ideal cristão, o anseio de corresponder plenamente ao amor de Deus e o anelo de desenvolver o melhor de quanto Deus semeou na nossa própria vida”<sup>84</sup>. Lembra a quem faz acompanhamento pessoal que: “para se chegar a um estado de maturidade, isto é, para que as pessoas sejam capazes de decisões verdadeiramente livres e responsáveis, é preciso dar tempo ao tempo, com uma paciência imensa”<sup>85</sup> e “reconhecer que a situação de cada pessoa diante de Deus e a sua vida em graça é um mistério que ninguém pode conhecer plenamente a partir do exterior”<sup>86</sup>. Na exortação é apresentada a proposta do Evangelho a que se “corrija e ajude a crescer uma pessoa a partir do reconhecimento da maldade objectiva das suas acções (cf. *Mt* 18, 15), mas sem proferir juízos sobre a sua responsabilidade e culpabilidade (cf. *Mt* 7, 1; *Lc* 6, 37). Seja como for, um válido acompanhante não transige com os fatalismos nem com a pusilanimidade. Sempre convida a querer curar-se, a pegar no catre (cf. *Mt* 9, 6), a abraçar a cruz, a deixar tudo e partir sem cessar para anunciar o Evangelho”<sup>87</sup>.

Exorta a que façamos a experiência de ser acompanhados porque esta, “ensina-nos a ser pacientes e compreensivos com os outros e habilita-nos a encontrar as formas para despertar neles a confiança, a abertura e a vontade de crescer”, e reforça a ideia inicial de que

---

<sup>84</sup> *Evangelii Gaudium*, 171.

<sup>85</sup> *Evangelii Gaudium*.

<sup>86</sup> *Evangelii Gaudium*, 172.

<sup>87</sup> *Evangelii Gaudium*.

“O acompanhamento espiritual autêntico começa sempre e prossegue no âmbito do serviço à missão evangelizadora”<sup>88</sup>.

### **3. Os Agentes da Formação**

Para que se realize o processo de assimilação da identidade na vida consagrada, num verdadeiro discernimento, o religioso conta com a força e a luz do Espírito de Deus, a ajuda maternal de Maria, a orientação da Igreja, o testemunho de uma comunidade e o acompanhamento de um consagrado idóneo que o ajude a centrar-se no essencial no acolhimento do dom de Deus.

#### **O Espírito de Deus**

É Deus que chama, toma a iniciativa: “Vem”, “deixa a tua terra”, “segue-Me”, e o que é chamado responde: “aqui estou”, “podeis enviar-me”, “que quereis que faça”, “faça-se”(Cf. Gén. 12,1; Ex. 3,4; Lc. 1, 38; Mt. 8, 32 ; 19,21 ; Mc. 10,21). Deus, através do seu Espírito age no mais secreto de cada um: chama, ensina e guia<sup>89</sup>, faz o percurso formativo com todo aquele a quem convida a uma missão.

O caminho formativo duma consagrada, é guiado sobretudo pelo Espírito de Deus que conhece o seu íntimo e o vai modelando ao seu jeito divino. É Ele que, através da sua Palavra e das mediações humanas, a ensina a ler os sinais dos tempos, a ajuda a discernir a vontade de Deus, a corrige quando erra, a conforta e anima nas dificuldades e a leva a viver os acontecimentos e as situações como momentos necessários e importantes para o crescimento. É o Espírito que imprime o seu amor e conduz a uma vida de comunhão com Cristo, de modo

---

<sup>88</sup> *Evangelii Gaudium*, 173.

<sup>89</sup> Cf *Vita Consecrata*, 19.

que a pessoa se identifique com Ele, num seguimento radical, e possa continuar no mundo a Sua missão através do carisma que Ele próprio inspirou na Igreja<sup>90</sup>.

A presença do Espírito exige da formanda a atitude de humildade e de discernimento espiritual, para poder encontrar em cada momento a vontade de Deus<sup>91</sup>. O Espírito é o Mestre interior, que pela vida fora, com a sua presença, continua a modelar o coração humano até uma plena identificação com Cristo, a quem o Pai consagrou e enviou ao mundo<sup>92</sup>. Quanto mais se deixar conformar com Cristo, tanto mais O torna presente no mundo e operante para a salvação da Humanidade<sup>93</sup>.

### **Maria, modelo de fidelidade**

Maria é Aquela que, desde a sua Imaculada Conceição, reflecte mais perfeitamente a beleza divina: “Toda sois formosa”<sup>94</sup>. A Sua presença é muito importante na vida espiritual dos consagrados. Ela é de facto exemplo e modelo de perfeita consagração, pela sua pertença plena e dedicação total a Deus.

Escolhida para ser a Mãe do Verbo, recorda aos consagrados a iniciativa que Deus toma no chamamento. Quando deu o sim: *faça-se...* a Palavra de Deus fez-se Carne, no seu seio, e Ela tornou-se modelo de acolhimento. Na vida escondida de Nazaré e na vida pública de Jesus, Maria é mestra de serviço e a Sua primeira discípula. No Calvário, é Mãe da humanidade, ao receber João por filho. É modelo de consagração ao Pai, unida ao Filho em docilidade ao Espírito. Todo o consagrado é chamado a tomá-La consigo, amando-A, imitando-A e experimentando a sua ternura de Mãe, que o ajudará na sua fidelidade vocacional<sup>95</sup>.

---

<sup>90</sup> Cf. *Vita Consecrata*, 10.

<sup>91</sup> Cf. *Vita Consecrata*, 19.

<sup>92</sup> Cf. *Vita Consecrata*, 72.

<sup>93</sup> Cf. *Partir de Cristo*, 10.

<sup>94</sup> Cf. *Vita Consecrata*, 28.

<sup>95</sup> Cf. *Vita Consecrata*, 28.

## **A Igreja, Mãe e Mestra**

Os consagrados ocupam um lugar especial na Igreja e o seu comportamento tem grande importância para o Povo de Deus. Do seu testemunho de amor filial recebem força para a sua acção apostólica. Com a riqueza dos carismas, cada Instituto dá uma contribuição específica para a Igreja realizar a sua natureza de sacramento. São chamados a ser fermento de comunhão missionária na Igreja Universal. Os carismas são concedidos pelo Espírito para o bem de todo o corpo. (cf. 1Cor 12, 4-11). A colaboração às diversas Igrejas particulares, onde podem promover uma permuta de dons, leva a dar também o seu contributo para a inculturação do Evangelho. Pela profissão dos conselhos evangélicos, e pela experiência quotidiana de uma comunidade de vida de oração, e de apostolado, os religiosos são sinal de comunhão fraterna<sup>96</sup>. No decorrer da formação inicial a vida comum, vista como experiência e testemunho de comunhão, é considerada como um ambiente indispensável e um meio privilegiado de formação, e esta faz-se em comunhão com a Igreja.

A formação deve desenvolver o sentido de Igreja como povo em marcha, que tem a sua origem na comunhão trinitária, que se identifica como Corpo de Cristo, através do seu Espírito, infundido e comunicado à humanidade de hoje e de sempre. Um povo missionário que não pode deixar de anunciar o Evangelho até que todos conheçam o seu Salvador.

Os Fundadores dos Institutos Religiosos tiveram sempre vivo o sentido de Igreja que se manifestou pela sua participação plena na vida eclesial e na obediência aos seus Pastores<sup>97</sup>. A concepcionista tem este testemunho em S. Francisco de Assis, S. Beatriz da Silva e em Madre Maria Isabel da SS.ma Trindade. Cada um no seu tempo, quis estar na Igreja, com a Igreja, e ao serviço da Igreja. É na obediência aos seus pastores, que seguem na procura da vontade de Deus.

---

<sup>96</sup> Cf *Vita consecrata*, 46-47.

<sup>97</sup> Cf. *Lumen Gentium*, 9.

## **A Comunidade**

A comunidade exerce um papel fundamental em qualquer etapa da formação. Lugar privilegiado da experiência de Deus e da amizade fraterna, constrói-se na fé e no amor, sob a acção do Espírito, deixando-se julgar e converter pela Palavra de Deus, purificar pela penitência e construir pela Eucaristia. Ela é a sede e o ambiente natural do processo de crescimento humano e espiritual dos religiosos, onde cada um se torna responsável pelo crescimento do outro, se abre ao dom do irmão e é capaz de o ajudar.<sup>98</sup> Ali se partilham dons materiais e espirituais, e se aprende a fazer a passagem do eu para o nós, tendo em conta o respeito pela pessoa e o bem comum.

Em comunidade, “cada um aprende a viver em fraternidade com aqueles que Deus pôs ao seu lado, aceitando as suas características positivas juntamente com as suas diferenças e limitações. De modo particular, aprende a partilhar os dons recebidos para a edificação de todos!”<sup>99</sup>.

A comunidade é o lugar por excelência do processo pedagógico da *educação, formação e acompanhamento*. Ela não só educa, mas é o lugar privilegiado da formação do carisma. Aqui as vocacionadas encontram o ambiente adequado para o discernimento e o desabrochar da sua vocação. Viver em comunidade exige equilíbrio psicológico e amadurecimento afetivo.

A realização da religiosa concepcionista passa através da sua comunidade. Ali aprende a amar a Deus, as suas irmãs e a humanidade, tornando-se sinal de comunhão, não olhando à raça, à idade, à língua, ou à cultura. Na comunidade deve reinar um clima de diálogo que respeite a liberdade de cada uma na realização conjunta do plano de Deus a nosso respeito, que passa também pela elaboração de um projeto comunitário. A corresponsabilidade e a participação são necessárias para a construção da comunidade<sup>100</sup>.

---

<sup>98</sup> Cf. *Partir de Cristo*, 24.

<sup>99</sup> *Vita Consecrata*, 67.

<sup>100</sup> Cf. *Vida Fraterna em Comunidade*, 37.

É muito importante que o estilo formativo e o ambiente favoreçam o crescimento da pessoa e do grupo. Uma comunidade é formativa na medida em que permite a cada um dos seus membros crescer na fidelidade ao Senhor, segundo o carisma do Instituto.

A comunidade concepcionista inspira-se na “Casa de Nazaré”. Aí vivemos na oração, no escondimento e no trabalho, preparando e intensificando a nossa missão de serviço aos Pobres. Imitando a Sagrada Família, deixando sobressair a simplicidade, a verdade, a pobreza, a alegria e o acolhimento, como Madre Isabel recomenda nos seus escritos<sup>101</sup>.

O testemunho fraterno de vida de uma comunidade tem um grande poder formativo para todos os seus membros.

### **A Formanda**

Deus tem a iniciativa de chamar, mas a resposta é pessoal e livre. Cada pessoa a quem Deus chama, deverá assumir a responsabilidade e as consequências da resposta dada. Ninguém se pode fazer substituir nem alhear no processo formativo. Depende da vontade de cada uma, abrir-se à Graça do Espírito e deixar-se modelar, convertendo-se a Deus no mais profundo do seu ser. A formação exige esforço e uma colaboração contínua, para que a graça divina produza cem por um, fazendo-nos crescer até à estatura perfeita de Cristo (cf. Ef 4, 13).

A Congregação tem o dever de oferecer a cada vocacionada, e durante toda a vida, os meios necessários para que a sua formação possa ser personalizada, livre, unificada, inculturada e totalizante, e, sobretudo, integradora, ajudando-a a atingir a configuração plena com Cristo.

Num mundo de profundas transformações é necessário arraigar no coração da jovem consagrada, os valores humanos, espirituais e carismáticos necessários para que ela realize, em fidelidade criativa, o Carisma Apostólico da Congregação.<sup>102</sup>

---

<sup>101</sup> Cf. MADRE ISABEL, *Testamento*, 2.

<sup>102</sup> Cf. *Partir de Cristo*, 18.

## **A Formadora**

Todo o Instituto é responsável pela formação, mas entre os membros há alguns destacados para directamente exercerem esta missão. O verdadeiro formador é Deus e nessa sua dinâmica formativa, serve-se de mediadores humanos para que acompanhem as Irmãs jovens a discernir sobre si a acção de Deus, decidir e responder com liberdade e responsabilidade. A formadora, apesar da sua debilidade, deve abrir-se a que a Graça de Deus passe através da sua acção.

O processo formativo, caminho dinâmico, gradual e progressivo, no seguimento de Cristo, requer uma preparação adequada da formadora, não só no âmbito cultural, mas a todos os níveis, principalmente, um trabalho de conhecimento próprio.

Pessoa de oração, deve manifestar uma experiência profunda de fé, capacidade e sensibilidade humanas de acolhimento para captar as situações e necessidades da Igreja e do mundo, sobretudo dos Pobres. Atenta à acção da Graça, deve procurar testemunhar e indicar o seguimento de Cristo concretizado no carisma congregacional. A Formadora é a cultivadora directa na vinha do Senhor. A sua missão é educar, formar e acompanhar. Educa quando ajuda a tirar para fora a verdade da pessoa, aquilo que ela é. Educar é participar na acção criadora e construtiva de Deus Pai Criador, que criando tira do nada, transmite vida onde existia o caos; forma na medida em que propõe um modelo, uma nova forma de ser, uma nova identidade em Jesus Cristo, Filho de Deus Pai, que é por excelência o formador e o modelo a seguir, mas o faz tendo em conta o carisma da Fundadora; Acompanha quando, como irmã mais velha, e mais experiente, caminha ao lado da irmã mais nova, para a ajudar a trilhar a senda da vida, para que vá reconhecendo dentro de si o dom de Deus. É a acção do Espírito Santo, o amigo fiel, que é memória de Cristo e da Sua Palavra<sup>103</sup>.

---

<sup>103</sup> Cf. A. CENCINI, *I Sentimenti del Figlio. Il cammino formativo nella vita consacrata*, EDB, Bologna, 2001, 44, 45 e 48.

## 4. Modelo de Integração no Acompanhamento

Para o acompanhamento de jovens consagradas é proposto o modelo de integração. Pode não ser novo como prática, já que o “mundo interior” dos indivíduos é muito difícil de alcançar e conhecer. Contudo, como corrente e proposta teórica, e já fundamentada com casos de vida, é relativamente novo, não indo muito para além da última década.

### Antecedentes

Antes de se apresentar o modelo de integração que se quer propor, faremos referência a alguns modelos em vigor nas últimas décadas, sobretudo no pós Concílio Vaticano II, e que hoje muitas vezes ainda se aplicam. Segundo Amadeo Cencini<sup>104</sup>, “são, substancialmente cinco: o modelo da perfeição; o modelo da observância comum; o modelo da auto-realização; o modelo da auto aceitação e finalmente o modelo único ou da não integração”<sup>105</sup>.

Segue-se uma sucinta apresentação de cada um, referindo apenas o objetivo, a modalidade e os principais aspetos negativos e positivos que o caracterizam.

### Modelo de perfeição

Este modelo consiste na eliminação de fraquezas, podendo ter, como consequência, sentir-se agradável a Deus e melhor que os outros. O protagonista é o indivíduo com os seus esforços e méritos, podendo tornar-se intolerante com as fraquezas do outro. O objetivo que lhe preside é a conquista pessoal da santidade como perfeição, e tem como aspetos positivos, a clareza de métodos e de fim e algum rigor<sup>106</sup>.

---

<sup>104</sup> Amadeu Cecini é um Sacerdote, Religioso canossiano, teólogo, psicoterapeuta e autor de vários livros e publicações, maioritariamente relacionados com a formação na vida consagrada.

<sup>105</sup> A. CENCINI, *A Árvore da Vida. Proposta de modelo de formação inicial e permanente*, Paulinas, São Paulo, 2007, 21-124.

<sup>106</sup> Cf A. *Ibidem*, 21-36.

Este modelo não podia assim contribuir para a renovação a que o Concílio Vaticano II convida, nem para aquela de que a Vida Consagrada hoje necessita.

#### Modelo de observância comum

É como o modelo de perfeição, mas em versão comunitária. Neste modelo o objetivo é a perfeição do grupo que estimula a uniformidade de comportamentos.

Tem, como aspetos positivos, as mensagens unívocas e o reforço social, mas corre o risco de conduzir ao conformismo e ao formalismo<sup>107</sup>.

#### Modelo da auto-realização

Os objetivos deste modelo são a auto-estima e a auto afirmação pela atuação de dotes e qualidades pessoais. Desenvolve o sentido de unicidade e dignidade do eu, mas corre o risco de levar ao narcisismo com possíveis êxitos frustrantes<sup>108</sup>.

#### Modelo de auto aceitação

Pelo conhecimento de si, sem pretensão de eliminar o negativo, este modelo pretende levar ao acolhimento da própria realidade integral. Leva à diminuição de tensão e ao acolhimento realista do limite, correndo o risco de levar a pessoa à mediocridade, sem motivação para mudar<sup>109</sup>.

#### Modelo único

É também referido como de não integração. Dentro deste modelo, o objetivo varia segundo o que o formador julgue ser central-vital e que indicará como caminho unitário. Conduz à coerência e precisão anti-dispersiva, mas pode levar a uma visão subjetivo-parcial-

---

<sup>107</sup> Cf. *Ibidem*, 37-53.

<sup>108</sup> Cf. *Ibidem*, 55-71.

<sup>109</sup> Cf. *Ibidem*, 73-85.

unilateral. Os unilateralismos referidos por Cencini são: espiritualismo, voluntarismo, pietismo, liturgismo, intelectualismo, psicologismo e esperiencialismo. Este modelo, apesar dos aspetos positivos que lhe são atribuídos, falha na prática, por não integrar aspetos importantes a desenvolver, absolutizando um<sup>110</sup>.

### **Modelo de integração**

O método proposto é o da *integração*, reconhecendo na pessoa a importância das diversas dimensões que constituem a sua riqueza e que devem crescer contemporaneamente em harmonia: espiritual, humana, psicológica, cultural e vocacional, num caminho de maturidade.

Consideramos a maturidade não como uma meta mas como uma contínua sucessão de etapas de crescimento, que comportam um trabalho de orientação com progressiva passagem de uma fase à outra, através da integração das situações críticas, que a pessoa enfrenta habitualmente na própria vida.

A teologia e a ciência da educação, partindo de um fecundo diálogo, ajudam de maneira nova a integrar este caminho de formação para a maturidade, levando a confrontar as escolhas com os objetivos e os conteúdos professados. Deste ponto de vista, em cada idade e em cada experiência de vida, também o religioso se encontra num estado de caminho para a maturidade, justamente porque a própria vida segue um desenrolar constante e progressivo, e o religioso não é chamado e consagrado uma vez só mas dia a dia.

Amadeu Cencini, partindo dos limites e valores dos modelos anteriores, elabora um modelo pedagógico a que chama “modelo de integração”, fruto exatamente de uma “integração entre perspectiva psicológica e teológica”<sup>111</sup>. Descreve-o assim: “a capacidade de construir e reconstruir, compor e recompor a própria vida e o próprio eu, em torno de um centro vital e significativo, fonte de luz e calor, no qual se podem encontrar a própria

---

<sup>110</sup> Cf. *Ibidem*, 87-122.

<sup>111</sup> *Ibidem*, 129.

identidade e a verdade, e a possibilidade de dar sentido e realização a todo o fragmento da própria história e da própria pessoa, tanto para o bem como para o mal, para o passado e para o presente, num movimento constante centrípeto, de atração progressiva. Tal centro, para o crente, é o mistério pascal, a cruz do filho, que, elevado da terra, atrai a si todas as coisas (cf. Jo 12, 32)”<sup>112</sup>.

O sentido teológica deste modelo está na cruz de Cristo, tida como o coração do mundo. Cristo é o centro vital, “o alfa e o ómega, o primeiro e o último” (Ap 21, 6), a luz do mundo (Jo 8, 12), Ele é portanto “o sentido e a beleza da existência pessoal e da história”<sup>113</sup>, o que nutre e multiplica a vida com palavras de vida (cf. Jo 6, 68) e é a fonte amorosa da vida abundante (cf. 10,10).

É fascinante este desígnio de Deus em seu Filho e S. Paulo testemunhou essa visão. Para ele, “tudo está em Cristo, o mundo visível e invisível, até o ritmo da nossa vida: nascimento, crescimento, e depois trabalho, vocação, estado adulto, morte; tudo tem origem n’Ele (cf. 2Cor 4, 4; Cl 1, 15), e, sempre n’Ele, todas as coisas encontram consistência (cf. Ef 1, 6; Cl 1, 13), paz (cf. Cl, 1, 20), e unidade (Ef 1, 10); tudo é orientado para Cristo (Cl 1, 10)”<sup>114</sup>.

Segundo a tradução de Cencini, Paulo fala de “desígnio de recapitular tudo em Cristo, tudo o que existe no céu e na terra”(Ef 1, 10). Para ele, “recapitular”, é um modo diferente de expressar a ideia de integração, sendo esta, um recapitular a vida de cada ser humano em Cristo, envolvê-la n’Ele<sup>115</sup>.

A integração (recapitulação), da história e da vida de cada um, está já realizada, oferecida segundo o projeto de Deus em Cristo e na sua cruz, como história da salvação. A Integração tem também uma vertente psicológica ligada à necessidade de descobrir e dar sentido à própria história passada e presente com o que teve de bem e de mal; à necessidade

---

<sup>112</sup> *Ibidem*, 130.

<sup>113</sup> *Ibidem*, 133.

<sup>114</sup> *Ibidem*, 135.

<sup>115</sup> Cf. *Ibidem*, 126.

de ter um centro de atração que unifique as forças da afetividade, da sexualidade e da capacidade de relação e alteridade, e à necessidade de que a fonte de verdade para a mente e para o coração, seja centro de tração, isto é, força motivadora para agir e fazer escolhas<sup>116</sup>.

A estratégia apontada para que a integração se faça é a da inclusão da realidade da pessoa. Inclusão da história passada, com feridas, recursos, limites, e potencialidades; inclusão da realidade presente da pessoa e sua personalidade e inclusão do bem e do mal com sentimentos de reconhecimento, aprendendo dar-lhe um sentido que o transforma em verdadeiro bem<sup>117</sup>.

A estratégia da inclusão para a integração supõe:

Não eliminar mas dar sentido

A integração numa pessoa, resulta em nada eliminar da sua história e da sua pessoa, descobrir e dar sentido, dar nova orientação, valorizar, descobrir a sua verdade, completar e dar cumprimento, aperfeiçoar e purificar, corrigir e reorientar, mudar e disciplinar, julgar e deixar-se julgar, iluminar, vitalizar, reforçar, cicatrizar.

Para fazer o caminho da integração, é necessário pegar no passado “entre as próprias mãos para orientá-lo e re-significá-lo”<sup>118</sup>.

Não suportar mas deixar-se atrair.

Assim viveu Jesus abraçando a cruz. “Acolheu a sua vida das mãos do Pai e entregou-se não só nas suas mãos, mas em mãos humanas<sup>119</sup>”; sofreu intensamente, não o evitou. Foi o Cordeiro de Deus que, por amor carregou e assumiu; encheu de significado a cruz e a morte, pela recapitulação e reconciliação do verdadeiro amor.

---

<sup>116</sup> Cf. *Ibidem*, 142.

<sup>117</sup> Cf. *Ibidem*.

<sup>118</sup> *Ibidem*, 154.

<sup>119</sup> *Ibidem*, 155.

Não esquecer, mas aprender a recordar.

Amadeu Cincini fundamentando esta estratégia inclusiva, afirma que “o amado, nasce das feridas do coração de quem o ama”<sup>120</sup>. É do coração trespassado do seu Senhor, que nasce o ser humano, pois “a cruz é o abismo onde Deus se torna amante, concreta, visível, humana e divinamente amante, fora de qualquer dúvida”<sup>121</sup>. Desde que a cruz passou de abismo a verdadeiro amor, que “recordar quer dizer não somente fazer exercício de memória mas perceber em cada acontecimento da vida, a continuação do acontecimento. Desde então, o crer está diretamente ligado ao recordar”<sup>122</sup>.

O caminho de integração aqui proposto será tanto mais possível quanto mais houver abertura à graça de Deus e à confiança num Irmão que acompanhe, ajudando a recordar, a reviver, resgatar e curar o próprio passado e a atribuir um significado à própria história em liberdade e responsabilidade.

---

<sup>120</sup> *Ibidem*, 157.

<sup>121</sup> *Ibidem*, 157.

<sup>122</sup> *Ibidem*, 158.

## CAPÍTULO III

### PARA UMA PRÁTICA DO ACOMPANHAMENTO

Para uma boa prática do acompanhamento, o acompanhante terá de compreender e assumir essa dinâmica, acolher o desafio da interculturalidade, desenvolver algumas aptidões e valores, e aplicá-los numa verdadeira relação de ajuda em ordem à integração como preparação para a missão.

#### 1. Definição e sentido

Do ponto de vista etimológico, o verbo acompanhar vem do latim “ad cum panis”, expressão onde o “ad” indica o movimento e “cum panis”, aquele com o qual se partilha o pão<sup>123</sup>. O que acompanha é, então, aquele com o qual se partilha o caminho, o pão e a vida, a mesma fé, a mesma vocação e a mesma missão.

No contexto formativo de juniores, o acompanhamento é uma ajuda temporária e sistemática que um irmão mais velho na experiência e maturidade, dá a um jovem consagrado, partilhando com ele um troço da estrada e da vida, para que este possa desenvolver, integrar-se e decidir livre e responsavelmente.

Nos nossos dias, em resposta à heterogeneidade nos grupos de juniores, a formação terá de ser também personalizada. Esse tipo de formação é o que pode garantir um empenho sério na vida de consagração, uma dedicação comprometida à missão e uma fidelidade

---

<sup>123</sup> Cf A. CENCINI, “Acompanhamento”, in J. PRELLEZO (Org.), *Dizionario di scienze dell'educazione*, S.E.I, Torino, 1997, 22; V. ZUGNO, Acompanhamento e fidelidade, na vida religiosa”, *Revista CLAR*, Ano XLV – nº 3, 2007, 47.

vocacional estável e criativa<sup>124</sup>. A prática do acompanhamento pessoal é uma resposta coerente com as necessidades formativas da vida, consagrada de hoje.

## 2. O desafio da interculturalidade

Ante uma sociedade em constante transformação, riscos, desequilíbrios, injustiças e contra-valores, o acompanhamento formativo propõe-se ajudar os jovens consagrados, a arreigar os valores humanos, espirituais e carismáticos necessários, que os façam aptos para viver uma fidelidade dinâmica.

A interculturalidade tem sido tema pertinente, entendendo-se como “interação deliberada e diálogo entre pessoas de diferente procedência cultural, que descentra e questiona a reciprocidade, em relação aos seus pontos de vista do mundo egocêntrico e às relações humanas”<sup>125</sup>.

A interculturalidade, como a apresentamos, “crê na aprendizagem mútua e na polifonia da realidade”<sup>126</sup>. Ela pede uma formação para o diálogo na cordialidade e na caridade de Cristo, capaz de acolher as diversidades como riqueza, e de integrar os diversos modos de ver e de sentir.

No contexto da Congregação das Irmãs Concepcionistas ao Serviço dos Pobres, as juniores provêm de diferentes culturas, sociedades e contextos, tornando-se um grande desafio para a caminhada de grupo e muito concretamente para o acompanhamento pessoal.

Acompanhar em ordem à integração dentro da vida consagrada quem pertença a outras culturas exige humildade, desprendimento, acolhimento, um grande empenho na escuta, na

---

<sup>124</sup> J. MARIA PALACIOS, “Formación. Nuevas perspectivas”, in A. APARICIO, (Org.), *Suplemento al Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 2005, 395.

<sup>125</sup> D. PALANCA, “Interculturalidad”, in A. APARICIO, (Org.), *Suplemento al Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, 578.

<sup>126</sup> *Ibidem*, 578.

abertura à diferença, respeito por outras sensibilidades, dar tempo e sinais que estimulem a confiança recíproca e exige também empenho no estudo da cultura da pessoa a acompanhar. A interculturalidade é um enorme desafio a que se entre num processo de inculturação da vida consagrada concepcionista, que assumirá um tom próprio em cada cultura.

### **Da multiculturalidade à interculturalidade**

A multiculturalidade é uma oportunidade porque favorece a solidariedade, o acolhimento das diversidades, a empatia com os pobres, a busca da paz. Favorece também a internacionalização e a experiência de universalidade das comunidades de vida consagrada, como disponibilidade ao serviço para onde se for solicitado. Favorece nas jovens gerações, dinamismos de conhecimento, de acolhimento e de diálogo.

A diversidade cultural é também um desafio, porque é difícil para a maioria dos consagrados adultos entrar na experiência multicultural. Surge a necessidade de repensar a linguagem e a maneira de transmitir os valores entre mundos antropológicos distantes e estranhos. Formar para a fidelidade num mundo em contínua mudança e culturalmente pluridirecional, torna árdua a tarefa formativa que deve ser aberta a experiências interculturais.

A partilha da riqueza e diversidade do humano possível hoje, oferece grandes oportunidades de valorização. Isto não torna vã a contribuição determinante da graça e do Espírito que agem justamente nos dinamismos psicológicos e antropológicos da pessoa. Por isso a formação cuidará de secundar o Espírito, justamente a partir dessas expressões do humano, para levá-las à sua maturidade e plenitude.

Tendo a comunidade formativa uma grande responsabilidade no cuidado dos jovens consagrados, o acompanhante terá sempre a responsabilidade de os ajudar a olhar para a forma como cada um está a viver e, sobretudo, a escutar a partilha de alegrias, emoções,

questões e dificuldades, dando-lhes oportunidade de se ouvirem e se confrontarem consigo próprios e com a sua correspondência ou não à vontade de Deus.

Há que acompanhar as jovens consagradas na vivência dos votos, no compromisso comunitário e na realização da Missão para que são chamada, na afirmação da sua identidade cultural, e na valorização e acolhimento do que as outras culturas têm de positivo

### **Da inculturação à interculturalidade**

A entrada do dialogo intercultural para o âmbito eclesial e da vida consagrada, pode entender-se em continuidade com o processo de busca de unidade através do diálogo iniciado por João XXIII no Vaticano II, que avançou em direção ao diálogo intra e inter eclesial, diálogo de inculturação, diálogo mundial<sup>127</sup>.

“ Não se trata exclusivamente de uma relação entre o Evangelho e uma cultura específica, mas também entre outras duas culturas: a do evangelizador e a da pessoa evangelizada”<sup>128</sup> O que se diz sobre a realidade da evangelização na Igreja, é igualmente verdade no que se refere ao acompanhamento de juniores, por quanto se trata de um processo de caminhada na vivência do Evangelho no específico do carisma da Congregação a que pertence. “Trata-se de uma espécie de diálogo de duas faces. O processo não é unicamente de encarnação, mas de diálogo, e a comunicação do próprio evangelho chega sempre condicionada, nunca de forma pura”<sup>129</sup>.

Se as relações históricas entre as culturas implicadas se caracterizaram por alguma forma de domínio, conquista ou colonização, a situação poderá ser complicada e ambígua. Esta é uma realidade em muitas Congregações de origem europeia que se expandiram para países, ex-colónias, com juniores a acompanhar hoje.

---

<sup>127</sup> *Ibidem*, 583.

<sup>128</sup> *Ibidem*, 584.

<sup>129</sup> *Ibidem*.

O chamamento a comunicar o Evangelho e o carisma próprio, partindo da cultura e dos seus distintos elementos, converte-se em parte de um processo de crescimento e maturação da própria comunicação, enquanto experiência de Deus.

“Na vivência da fé e da consagração, cada um poderá apresentar a sua perspectiva como um dom para o enriquecimento do outro. Mediante o diálogo, ganhará reciprocamente em consciência da própria identidade e participará de novas perspectivas do mundo<sup>130</sup>”.

Esta é a via da interculturalidade, que não é outra coisa que participar no dinamismo histórico da espiritualidade que reclama uma adequação às mudanças socioculturais, históricas e eclesiais, sem a qual a vida consagrada não pode exercer a sua função de sinal do Reino de Deus realça o Vaticano II<sup>131</sup>.

### **Formação intercultural**

A vida consagrada ganhará um novo vigor e um novo estilo, se aceitar o desafio de uma formação intercultural, o desafio de se interculturalizar, aceitando uma identidade nova e mais coerente. “A interculturalidade é uma forma de ser e estar na vida, que promove a igualdade no viver (habitação, saúde, trabalho...) e a diversidade no conviver (direito à diferença, tolerância, solidariedade...), em que se dá o encontro-diálogo e a negociação de conflitos entre pessoas de culturas diferentes”<sup>132</sup>.

Este caminho só será possível se for de mutuo entendimento, a partir da comunicação e do desenvolvimento de um conjunto de componentes interculturais. É portanto fundamental o trabalho de adquirir e desenvolver competências interculturais, isto é, uma combinação de conhecimentos, competências, atitudes e valores para a interação e mediação intercultural<sup>133</sup>.

Para que aconteça a interculturalidade, terá que haver um empenho de toda a Congregação com repercussões concretas ao nível internacional, regional e comunitário, com

---

<sup>130</sup> *Ibidem.*

<sup>131</sup> Cf. *Lumen Gentium*, 44.

<sup>132</sup> D. PALANCA, *Interculturalidad*, 591.

<sup>133</sup> Cf *Ibidem*, 593.

implicações na organização, gestão económica, vivência dos votos, entre outras, e com formação específica para a interculturalidade.

Uma sensibilização ao nível geral da Congregação, será não só um enorme contributo para a integração da identidade intercultural congregacional, como também contribuirá para que um acompanhamento pessoal de pessoas de diferentes culturas, resulte construtivo e integrador.

### **3. Capacitação e competências do acompanhante**

O bom acompanhante vai-se tornando como tal, paulatinamente, à medida que vai adquirindo experiência no caminho de crescimento humano e espiritual ao lado dos formandos. Mas o resultado deste desenvolvimento, depende também de alguns dons naturais.

Afirma Pedro Finkler, a este propósito, que “na atividade especializada do formador, para além dos conhecimentos científicos, há sempre algo de arte”<sup>134</sup>. E a arte, nasce com o artista, mas deve ser cultivada, desenvolvida, e aperfeiçoada.

Para se ser acompanhante, é necessário querer sê-lo, estar disponível, empenhar-se na própria formação humana, científica e espiritual, e estar disposto a ser “um instrumento útil nas mãos do único Mestre, do Espírito Santo, o verdadeiro criador e forjador dos consagrados”<sup>135</sup>.

#### **Valores a desenvolver**

Todas as ajudas no sentido de capacitar o acompanhante são uma mais valia, contudo, há um trabalho pessoal que é indispensável. Consiste no empenho em cultivar em si a autenticidade, a escuta e a humildade.

---

<sup>134</sup> P. FINKLER, *El Formador y la Formacion para la Vida Religiosa*, Paulinas, Madrid, 1984, 23.

<sup>135</sup> *Ibidem*, 24.

## Autenticidade

Mais importante no acompanhante do que o domínio de boas técnicas de comunicação, vastos conhecimentos de psicologia e teologia, é o testemunho de autenticidade. Se ele existe, o acompanhamento tem um bom ponto de partida para que resulte em verdadeira ajuda.

A autenticidade, mais do que uma disposição que se deva pôr em prática na relação com os outros, é, em primeiro lugar, uma atitude que cada um deveria viver consigo mesmo. Isto supõe, na formação, a capacidade de estabelecer relação com o seu próprio mundo interior, aceitando-se, sem ceder à fácil tentação de esconder a sua verdade. De facto, “Ninguém pretende que a pessoa que acompanha seja perfeita, nem que se apresente como um modelo impecável, digno de imitar, mas todos esperam, e com direito, que seja ela mesma e que se apresente como tal”<sup>136</sup>.

Este é um requisito basilar para assumir a importante missão de fazer ‘caminho com’, mas há outras aptidões a desenvolver. O formador é chamado a exercer o delicado múnus de intérprete do carisma para aquela determinada pessoa, e a fazer com que o carisma se encarne na vida e na história concreta daquele que é acompanhado. Para uma preparação adequada e para um trabalho mais frutuoso, o formador deverá frequentar cursos de preparação e abrir-se à colaboração com outros formadores, sobretudo no interior do Instituto.

## Escuta

Escutar quer dizer dar precedência ao outro, fazer espaço dentro de si para colocar-se à disposição livre e gratuitamente, num gesto de hospitalidade muito mais do que físico e de ouvido. A escuta é uma arte, mais do que uma técnica, porque é um acontecimento de presença verdadeira, paciente, atenta e sensível e o acompanhado é um convidado que se descobre a si mesmo narrando a própria história.

---

<sup>136</sup> B. GIORDANI, *La formación de las consagradas: Indicaciones psicopedagógicas*, 206.

O acompanhante é alguém que deve saber escutar. Todas as afirmações podem ter diferentes interpretações. A tendência é interpretar tudo o que ouvimos, a partir da nossa experiência, mas, o interlocutor poderá ter uma intenção completamente diferente. A escuta ativa é refletida para que dela se possam tirar diferentes significados, procurando captar a verdade das palavras ditas, dos silêncios e das emoções, porque um encontro entre duas pessoas é uma comunicação onde as mensagens se enviam não só verbalmente mas implicitamente<sup>137</sup>.

No encontro de acompanhamento, o acompanhante não deve ocupar-se de outra coisa enquanto escuta nem aproveitar para contar os seus problemas e preocupações, uma vez que na pessoa acompanhada deve estar o centro da atenção. Deve oferecer-se uma qualidade de presença e de escuta, digna da pessoa que temos diante de nós, respeitando as suas necessidades, e acolhendo tudo com serenidade e paciência<sup>138</sup>.

“Uma orientação impositiva, incapaz de ouvir a palavra da pessoa orientada, pode até curar a pessoa de um mal, mas o atirará para outro, podendo torná-la dependente, tomando a forma de infantilização”<sup>139</sup>. Este não é o caminho que se pretende em ordem à maturidade. A escuta permite a quem é acompanhado, descentrar-se e relaxar-se interiormente, ir ao fundo e abordar zonas inexploráveis, distantes e escondidas da sua vivência, e tomar consciência da realidade interior por vezes confusa e conturbada<sup>140</sup>. Ter a possibilidade de se dizer a alguém que, escutando, ama, leva a fazer a experiência de uma progressiva revitalização.

### Humildade

No dizer de Zugno, “os acompanhantes também são pessoas necessitadas de ajuda e que no processo de acompanhamento vão fazendo caminho, por isso, uma das virtudes que lhes é exigida é a humildade da tranquilidade que nasce da certeza de que todo o

---

<sup>137</sup> Cf M. SZENTMÁRTONI, *Manual de psicologia pastoral*, Sigueme, Salamanca, 2003, 60.

<sup>138</sup> L. CIAN, *La relazione d'aiuto*, 143-146.

<sup>139</sup> Cf. P. FREIRE, *Pedagogia do oprimido*, 11ed, Paz e Terra, Rio de Janeiro, 1982, 78.

<sup>140</sup> Cf. L. CIAN, *La relazione d'aiuto*, Elle DI CI, Torino, 1994, 143.

discernimento é, em última instância, obra do Espírito (1Cor 12, 10). É Ele quem vem em auxílio das nossas fraquezas e perscruta os corações (Rm 8, 26-27)”<sup>141</sup>. Deus está na origem da humildade e sustem-na.

Cabe então ao orientador deixar o papel principal de orientação ao Espírito, e assumir o papel, também necessário, de “na busca, tentar discernir o que o Espírito deseja de nós, hoje, religiosos e religiosas, neste momento da vida e do povo”<sup>142</sup>.

Ela só se pode seguir a partir da nossa verdade, do que realmente somos. A humildade evangélica opõe-se à insolência e à vaidade de quem crê que todos têm de girar à sua volta, de quem busca os primeiros lugares, considerando que apenas ele os merece.

### **Competências**

Todo o cominho pedagógico começa com o conhecimento do sujeito, o mais completo possível, tanto para fazer apelo aos seus recursos e potencialidades, para ser ele próprio a tirar para fora o melhor de si, como para entender o que em si se opõe ao desenvolvimento da própria personalidade<sup>143</sup>. Jesus aponta para isso de uma forma muito própria colocando em relação verdade e liberdade, com as seguintes palavras: “A verdade vos tornará livres”(Jo 8, 32).

Segundo o modelo de integração já apresentado, o acompanhante tem como principal tarefa, ajudar cada consagrado a tomar a própria história como lugar de oração, a apresentá-la ao Senhor, e perguntar onde estava e qual a mensagem que lhe queria oferecer<sup>144</sup>; lembrar que a chave do sentido é o acontecimento pascal, o próprio Senhor; estimular cada um a centrar-se em Cristo, para que se realize o que exorta o apóstolo Paulo: “tende entre vós os mesmos sentimentos” (Fil 2, 5), e acompanhar a transformação consequente da leitura orante da

---

<sup>141</sup> V. ZUGNO, “Acompanhamento e fidelidade na vida religiosa”, 50.

<sup>142</sup> *Ibidem*, 50.

<sup>143</sup> A. CEMCINI, *A Árvore da Vida*, 311.

<sup>144</sup> Cf. *Ibidem*, 218-219.

história e da busca dos mesmos sentimentos de Cristo, como encontramos na disposição de Paulo quando diz: “gloriar-me-ei das minhas fraquezas” (2Cor 11, 30)<sup>145</sup>.

A tarefa do acompanhante é, de fato, ajudar cada jovem consagrado a crescer. Para tal, precisa de amar, motivar, estimular, e apoiar<sup>146</sup>; amar a pessoa do outro com a sua originalidade, manifestar-lhe quanto a aceita, a perdoa, respeitá-la, considerando-a com valor, como uma irmã ou irmão, confiar no seu desenvolvimento, ajudar, pondo à disposição o seu tempo e os seus talentos, e fazendo correção fraterna; motivar a pessoa e impulsioná-la ao esforço da busca e realização da vontade de Deus; estimula-la a manter vivo o fogo do seu entusiasmo, vencendo as crises próprias do caminho, e apoiando-a sem criar dependência, antes estimular a autonomia.

Bruno Giordani<sup>147</sup>, aponta como principais competências do acompanhante a conceção positiva, aceitação e a confiança de si mesmo<sup>148</sup>.

É também da competência do acompanhante visitar cada consagrado à sua comunidade, para que a possa conhecer mais profundamente, e para motivar a comunidade a assumir-se responsabilmente como comunidade formativa. Deverá ainda, em ordem ao acompanhamento das irmãs, reunir periodicamente com os superiores das comunidades onde se encontram, tanto para os escutar, quanto a dificuldades e dúvidas, como para tratar de assuntos relacionados com processos formativos, modelo de integração, interculturalidade, entre outros.

---

<sup>145</sup> Cf. *Ibidem*, 311-405.

<sup>146</sup> Cf. P. FINKLER, *El Formador y la Formacion para la Vida Religiosa*, 37.

<sup>147</sup> Religioso da Ordem dos Frades Menores, doutorado em Filosofia e Pedagogia, ampliou os estudos em Psicologia clínica e Acompanhamento pessoal e é autor de vários livros relacionados com as referidas temáticas com aplicação para a vida consagrada.

<sup>148</sup> B. GIORDANI, *La formacion de las consagradas*, 212-213.

#### **4. Relação : acompanhante acompanhado**

“Partilhar o caminho e o pão, não se faz com qualquer pessoa, mas apenas com quem se estabelece uma relação especial de fidelidade”<sup>149</sup>. Neste contexto, o caminho é a vida em todas as suas dimensões, mas de forma especial, é o caminho vocacional e o pão é a Palavra e o dom da carisma.

Para ser compatível com o ideal cristão, o acompanhamento necessita construir-se numa relação de confiança a partir e no diálogo. O acompanhamento na Vida Consagrada poderá ser entendido como a relação que se estabelece quando um consagrado recebe por missão acompanhar um jovem também consagrado, no discernimento dos seus passos.

Esta é uma relação pedagógica e, portanto, uma permuta de dar e receber, em que os dois polos são ao mesmo tempo ativos e passivos na ação. Acompanhar e ser acompanhado é descobrir-se a si mesmo, é uma troca de experiências e o cruzar de caminhos entre as duas pessoas envolvidas, com o mesmo horizonte, caminhando na mesma direção<sup>150</sup>.

O acompanhamento é uma relação a dois, mas em que Deus está no início e no fim da caminhada. É Ele quem chama, é por Ele que se caminha e Ele próprio é a presença mais fiel no caminho. É o próprio caminho!

Em Jesus Cristo está Deus a caminhar com o seu povo. Tendo assumido a condição humana, o Filho de Deus põe-se a caminhar com a humanidade. Na escolha dos Doze (Mt 10, 1-4), reconstitui simbolicamente o povo de Israel, e começa a fazer caminho com ele (Lc 13, 2). Este caminhar lado a lado, em profunda relação de proximidade, não está isenta de tentações. Os discípulos nem sempre sintonizaram com o que Jesus dizia, nem sempre compreenderam o que Ele queria e o diálogo chegou a ser ríspido, como se vê pela resposta de Jesus a Pedro: “Afasta-te Satanás! Tu és para Mim um estorvo, porque os teus

---

<sup>149</sup> V. ZUGNO, “Acompanhamento e fidelidade na vida religiosa”, 47.

<sup>150</sup> Cf. *Ibidém*, 41.

pensamentos não são os de Deus, mas os dos homens” (Mt 16, 23). O diálogo com Jesus por vezes parecer estar à beira da rutura. Mesmo que seja assim, o diálogo é um garante da fé, e foi esta via que Deus escolheu para se comunicar conosco.

Acompanhar uma jovem consagrada para a dinâmica comunitária, supõe formar para relações interpessoais satisfatórias, estimular a comunicação e o crescimento na corresponsabilidade, e ajudar a transformar as tensões em momentos positivos de crescimento<sup>151</sup>. Essa dinâmica relacional é, pois, a usada no acompanhamento e tida como “compaixão provocativa e proximidade desafiadora, como forma de acompanhar em fidelidade a Deus e ao irmão”<sup>152</sup>.

Uma relação verdadeira e eficaz, como a que se deve construir no acompanhamento, vem da coerência que faz uma interação entre experiência, consciência e comunicação<sup>153</sup>.

Na relação de acompanhamento, há que deixar à pessoa que se acompanha, liberdade de movimento, mantendo viva a interação, e estar com ela encorajando-a a encontrar-se consigo mesma.

Não se poderá nunca perder de vista que “a qualidade de uma comunicação, consiste muitas vezes, mais na qualidade de um olhar e da escuta, do que na qualidade das palavras, apesar da indiscutível importância que estas têm na comunicação.

O acompanhamento acontece através de uma relação que é marcada pelo nosso modo de ser para o outro.

### **Empatia e presença**

O bom acolhimento de um júnior é caminho aberto para uma relação de empatia que irá permitir compreender tanto as mensagens verbais como as não verbais que o outro emite, prestando-lhe grande atenção na escuta e na forma como se expressa.

---

<sup>151</sup> Cf B. GOYA, *Formación integral a la vida consagrada. A la luz de la exhortación possinodal*, San Pablo, Madrid, 1998, 140-149.

<sup>152</sup> V. ZUGNO, “Acompanhamento e fidelidade na vida religiosa”, 50.

<sup>153</sup> Cf L. CIAN, *La relazione d'aiuto*, Elle DI CI, Torino, 1994, 105.

Giordani defende que “a capacidade de entrar empaticamente no mundo dos outros, pressupõe uma particular organização psíquica, que depende de dotes naturais, e é fruto da aprendizagem”<sup>154</sup>. De qualquer forma, há que procurar desenvolver esta capacidade, a fim de poder compreender a verdade do outro, o seu estado de ânimo e até os sentimentos de que não falou. Deverá fazê-lo de mente aberta, sem julgar, nem conduzir demasiado o diálogo. É um modo discreto de proximidade e de presença na vida e no sentir do outro, como uma forma de solidariedade e não necessariamente de identificação.

A proximidade empática supõe: “escutar em profundidade na tentativa de compreender, mas não significa dar razão, não legitima uma ausência de avaliação sobre os conteúdos e as vivências que a pessoa expressa, mas é a condição para nos tornarmos atentos ao processo e não apenas ao conteúdo, atentos ao ‘como’ a pessoa vive aquilo que vive, e não tanto ou não só aos factos que relata ou às opiniões que exprime”<sup>155</sup>.

É necessária uma grande sensibilidade e conhecimento da pessoa a acompanhar, para perceber mais do que o que aconteceu, como é que a pessoa o registou pelas expressões tanto de rigidez como de choro, enternecimento ou outra.

### **Confronto e ausência**

Nem sempre a relação no acompanhamento é linear e harmónica. O caminho de maturação traz obstáculos, perdas, ganhos e perturbações de várias espécies. Essa relação, “não é isenta de lutas, porque acompanhar a pessoa no seu crescimento, exige de nós a liberdade de ousar, inclusive aquilo que ela não aprecia”<sup>156</sup>. O confronto não funciona como forma de afirmação da autoridade, mas, consequência de discernimento feito em vista a ajudar a progredir, integrar e chegar mais longe, numa das dimensões da vida de uma pessoa, proporcionando-lhe aceder às verdadeiras questões, ao problema mais profundo e talvez mais

---

<sup>154</sup> B. GIORDANI, *La formación de las consagradas*, 209.

<sup>155</sup> R. CAPITANIO, “Princípios Pedagógicos no Acompanhamento Espiritual”, 139.

<sup>156</sup> *Ibidem*, 140.

genuíno<sup>157</sup>. As provocações à mudança podem causar reações de resistência, mas o acompanhante permanecerá ao lado para acompanhar. “A aliança que nós estabelecemos com a pessoa deve ser mais forte do que aquela que a pessoa estabelece conosco”<sup>158</sup>. Teremos de nos manter firmes e não desistir de acompanhar, sem nos endurecermos.

Por vezes, pode ser salutar adiar ou anular algum encontro, pois a ausência em certas circunstâncias funciona como força motivadora a continuar a caminhada. Poder-se-á dar sinal de desapego para que a pessoa se responsabilize da sua própria caminhada, mas continuar a estar vigilante, recetivo, envolvido. O acompanhante não deve, pois, corresponder a cada necessidade manifestada, para que o acompanhado cresça na liberdade e enfrente a vida.

### **Respeito e aceitação**

Na relação com a pessoa acompanhada, “respeito é distanciamento sem frieza”<sup>159</sup>, é saber acertar com os tempos da pessoa que se tem diante. Poderá ser de paciência ou de intervenção, de silêncio ou de palavra, de decisão ou de espera. Respeitar é discernir e colocar-se como servo e não senhor, como honesto e não como perfeito, como quem está a caminho e não como chegados<sup>160</sup>. Respeitar é aceitar que o outro cometa erros e aprenda com eles, por ter rejeitado ajuda, sabendo que a tinha. É também estar disponível e ajudar na hora própria. Quando se respeitam os tempos da pessoa acompanhada, Deus tem o lugar de centralidade que lhe é devido e n’Ele, o discernimento acontece.

“respeitar significa permitir ao outro a liberdade de escolher e agir. É ter confiança na sua possibilidade de mudar, de crescer, de adaptar-se e de criar condições favoráveis para o

---

<sup>157</sup> Cf *Ibidem*.

<sup>158</sup> Cf *Ibidem*, 141.

<sup>159</sup> *Ibidem*, 142.

<sup>160</sup> Cf *Ibidem*, 144.

seu progresso a todos os níveis”<sup>161</sup>. Respeitar, no contexto de acompanhamento, é considerar positivamente a pessoa que se acompanha, na subjetividade do seu mundo<sup>162</sup>.

## 5. Encontro de acompanhamento pessoal

A vida, o futuro de alguém, o seu sentido existencial são tão importantes, e o chamamento surpreendente de Deus para a síntese é tão urgente e persuasivo, que se espera de algum dos nossos semelhantes, uma ajuda eficaz para sistematizar os dados que nos levem ao discernimento<sup>163</sup>.

Chamamos de “encontro de acompanhamento pessoal”, a uma realidade muito próxima do também designado “colóquio formativo”<sup>164</sup>, e com alguns pontos comuns com a “relação de ajuda”<sup>165</sup>, “entrevista pessoal” ou “diálogo pastoral”. Finkler designou-o de “encontro pessoal periódico”<sup>166</sup>, definindo-o como uma prática pedagógica e ascética que consiste em efetuar encontros regulares entre “superior e súbdito”, em ordem a uma boa orientação do formando.

Porém, o encontro de acompanhamento pessoal aqui proposto, baseia-se no modelo de integração já apresentado, em que o acompanhante tem uma fé teologal, abertura ao Espírito Santo, acolhimento de Jesus como modelo, amor e esperança na pessoa acompanhada e sentido prático e espiritual.

---

<sup>161</sup> P. FINKLER, *El Formador y la Formacion para la Vida Religiosa*, 201.

<sup>162</sup> A. MERCATALI, *La Persona Umana. Conoscenza e Formazione*, Pontificia Università Urbaniana, Roma, 1987, 173.

<sup>163</sup> Cf P. FINKLER, *El Formador y la Formacion para la Vida Religiosa*, 170.

<sup>164</sup> Cf B. GIORDANI, *La formación de las consagradas*, 219.

<sup>165</sup> Cf. L. CIAN, *La relazione d'aiuto*, Elle DI CI, Torino, 1994.

<sup>166</sup> P. FINKLER, *El Formador y la Formacion para la Vida Religiosa*, 169.

É importante, à partida, que esteja bem clara a meta do encontro de acompanhamento. Quanto mais clara estiver para o acompanhado, maior será a sua colaboração e a do acompanhante com o Espírito Santo. Este é um assunto a abordar nos primeiros encontros.

O acompanhante deverá ainda esclarecer o objetivo deste acompanhamento dentro do processo formativo, apontar assuntos a dialogar nos encontros e propor a sua prévia preparação no que concerne à seleção dos temas, sempre com abertura àqueles que as vivências desencadearem. As temas sugeridos poderão ser: vida cristã, vocação, história pessoal, imagem, motivações, atividades sociais e pastorais, família, comunidade e amigos, sexualidade, afetividade, e conflitos de todo o género.

Deverá ter-se como princípio, que os encontros de acompanhamento pessoal deverão ocorrer com uma periodicidade mensal e deverão ter a duração de aproximadamente 50 minutos, podendo sempre encurtar-se ou prolongar-se um pouco, de acordo com as circunstâncias e o discernimento de ambas as partes.

A proposta de programa para os encontros de acompanhamento, é que inicie com o acolhimento por parte do acompanhante em lugar previamente combinado e preparado, garantindo assim, que, os assentos estejam posicionados a uma distância de conforto para ambos, seguindo-se uma oração de evocação do Espírito Santo. O encontro segue com a oportunidade da pessoa acompanhada se expressar dentro do tema ou temas que tenha previamente preparado. O acompanhante mantém-se em escuta ativa, podendo sempre dar sinais de acolhimento, atenção e compreensão num diálogo interativo, e pôr questões de ajuda ao aprofundamento. O encontro poderá terminar com uma breve síntese feita pelo acompanhante e uma proposta de trabalho pessoal procurada em discernimento acompanhado. Nos encontros de acompanhamento pessoal ocorre uma experiência de caminhada feita no diálogo e para o diálogo, por meio do qual Deus comunica ao homem o dom da vocação e suscita uma resposta sempre nova. Este acompanhamento consiste numa presença de apoio à integração do que se viveu, vive, sente e deseja, de forma a que a pessoa acompanhada tome

responsavelmente a sua vida como resposta empenhada e convicta, ao chamamento que Deus fez e faz sucessivamente, colaborando, segundo o próprio carisma recebido do Espírito Santo, na realização do plano de Deus sobre si, sobre o mundo e sobre a humanidade<sup>167</sup>.

---

<sup>167</sup> Cf A. FAVALE, “La Vita come Vocazione”, in A. FAVALE (Org.), *Vocazione Comune e Vocazione specifiche. Aspetti biblici, teologici, e psico-pedagogico-pastoral*, LAS, Roma, 1993<sup>2</sup>, 68.

## CONCLUSÃO

Hoje, a história da salvação continua na história de cada pessoa, de cada consagrado, de cada Concepcionista ao serviço dos Pobres. Deus quer continuar a sua História da Salvação e “o Espírito Santo continua a agir com fantasia nas pessoas e nas comunidades”<sup>168</sup>. O método de ajuda para cada um construir o sonho de Deus, passa pelo acompanhamento na integração entre vida, experiência, Palavra de Deus, reflexão e confronto<sup>169</sup>.

Apesar da comunidade formativa ter uma grande responsabilidade no cuidado dos jovens consagrados, a acompanhante terá sempre de modo particular a responsabilidade de ajudar na sua vida, para se confrontar consigo própria e com a sua correspondência à vontade de Deus.

Há que acompanhar os juniores na vivência dos votos, no compromisso comunitário e na realização da Missão para que é chamado. O papa Francisco exortou as religiosas a que vivessem a sua missão, “acompanhando, compreendendo, ajudando e amando”<sup>170</sup>. É assim que uma consagrada deverá viver o seu ministério de acompanhamento. Este é considerado o meio principal para personalizar a caminhada formativa, e pressupõe a formação dos acompanhantes.

Na realidade da Congregação das Irmãs Concepcionistas ao Serviços dos Pobres, acompanhar juniores, a fazer um caminho de integração, é sem dúvida serviço aos pobres e ato de evangelização, pela ação da palavra iluminadora de Deus. É serviço aos pobres, por quanto o acompanhamento integrativo prepara as jovens em ordem à entrega a Deus servindo

---

<sup>168</sup> G. Zanon, “Prefácio” in A CENCINI, *A Árvore da Vida. Proposta de modelo de formação inicial e permanente*, Paulinas, São Paulo, 2007, 5.

<sup>169</sup> Cf. *Ibidem*, 8.

<sup>170</sup> PAPA FRANCISCO, “Discurso às religiosas participantes na assembleia plenária da União Internacional das superiores Gerais”, in *Vida Consagrada*, 368, XXXIII – julho (2013), 206.

os pobres na alegria. Acompanhar é um dever por quanto “o que quiserdes que vos façam, fazei-o vós também porque esta é a Lei e os Profetas” (Mt 7, 13).

Que, com a ajuda do acompanhante, o acompanhado consiga ir crescendo em autenticidade e lealdade consigo mesmo e de forma aberta e transparente com o Senhor, para poder “aceitar a sua mais crua realidade e se deixar trabalhar pelo Senhor”<sup>171</sup>.

O acompanhamento de jovens consagrados é um tema atual, complexo e determinante para o futuro da vida consagrada. Contudo, sobre o temática há pouca reflexão e conseqüentemente, pouca literatura. Este âmbito de estudo fica ainda em aberto. Há que o desenvolver em contexto interdisciplinar e sob diferentes aspetos, nomeadamente, formação dos acompanhantes, e métodos e técnicas de acompanhamento contando não só com a teologia mas com as ciências humanas que excelente contributo são para esta delicada missão.

Para poder ser fiel no acompanhamento, há que ser fiel a si mesmo, a Deus, à realidade e à verdade de cada acompanhado. “Quem poderá suportar tal peso?”<sup>172</sup>. Os acompanhantes também são humanos, necessitados e encontram-se a fazer caminho. Uma das virtudes que lhe é exigida é “a humildade, que nasce da certeza de que todo o discernimento é, em última instância, obra do Espírito (1Cor 12, 10). É ele quem vem em auxílio das nossas fraquezas e perscruta os corações (Rm 8, 26-27).

---

<sup>171</sup> P. FINKLER, *El Formador y la Formacion para la Vida Religiosa*, 53.

<sup>172</sup> V. ZUGNO, “Acompanhamento e fidelidade na vida religiosa” 50.

## BIBLIOGRAFIA

ASIAÍN, M., “Comunidade: Reflexão teológica”, in A. APARICIO - J. CANALS (Org.), *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, Paulus, São Paulo, 1994, 189-200.

CABRA, P., *Breve corso sulla vita consecrata*, Queriniana, Brescia, 2002.

CAMPO, F., “comunidade religiosa: Aspectos psicológicos”, in A. APARICIO - J. CANALS, (Org.), *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, Paulus, São Paulo, 1994, 201-216.

CAPITANIO, R., “Principios Pedagógicos no Acompanhamento Espiritual”, in *Acompanhamento Espiritual*, Paulus, Lisboa, 2011, 81-142.

CENCINI, A., “Acompanhamento”, in J. PRELLEZO (Org.), *Dizionario di scienze dell'educazione*, S.E.I, Torino, 1997, 22;

\_\_\_\_\_ A., *A árvore da vida. Proposta de modelo de formação inicial e permanente*, Paulinas, São Paulo, 2007, 21-124.

\_\_\_\_\_ *I Sentimenti del Figlio. Il cammino formativo nella vita consacrata*, EDB, Bologna, 2001.

CIAN, L., *La relazione d'aiuto*, Elle DI CI, Torino, 1994.

CONGREGAÇÃO PARA OS INSTITUTOS DE VIDA CONSAGRADA E AS SOCIEDADES DE VIDA APOSTÓLICA, *Partir de Cristo: Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milénio*, 10, Paulinas, Lisboa, 2002.

\_\_\_\_\_ *Vida Fraterna em Comunidade, (Congregavit nos in unum Christi amor)*, Tipografia Vaticana, Roma. 1994.

\_\_\_\_\_ *Instrução sobre a formação dos Institutos Religiosos, Potissimum Institutioni*, 110, A.O., Braga, 1990.

\_\_\_\_\_ *Partir de Cristo: Um renovado compromisso da Vida Consagrada no Terceiro Milénio*, Paulinas, Lisboa, 2002.

CONCILIO ECUMÉNICO VATICANO II, *Constituição Dogmática sobre a Igreja, (Lumen Gentium)*, União Gráfica, Lisboa, 1972.

\_\_\_\_\_ *Decreto sobre a adequada renovação da Vida Religiosa, (Perfectae Caritatis)*, União Gráfica, Lisboa, 1972.

\_\_\_\_\_ *Decreto sobre a Formação Sacerdotal, (Optatam Totius)*, União Gráfica, Lisboa, 1972.

FAVALE, A., “La Vita come Vocazione”, in A. FAVALE (Org.), *Vocazione Comune e Vocazione specifiche. Aspetti biblici, teologici, e psico-pedagogico-pastoral*, LAS, Roma, 1993<sup>2</sup>, 31-70.

FINKLER, P., *El Formador y la Formacion para la Vida Religiosa*, Paulinas, Madrid, 1984.

GIORDANI, B., *La formación de las consagradas. Indicaciones psicopedagógicas*, São Paulo, Madrid, 2004.

GOYA, B., *Formación integral a la vida consagrada: A la luz de la exhortación possinodal*, San Pablo, Madrid, 1998.

IRMÃS CONCEPCIONISTAS AO SERVIÇO DOS POBRES (ICSP), *Dom e Encanto: Plano de formação*, Lisboa, 2006.

JOÃO PAULO II, *Exortação Apostólica pós-sinodal sobre a Vida Consagrada e a sua Missão na Igreja e no Mundo, (Vita Consecrata)*, A.O., Braga, 1994.

LESPINAY, G., *Acompañar las vocaciones religiosas. Llamada, discernimento, adaptación, formación inicial*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 2010.

LUIZ ZUGNI V., “Acompanhamento e fidelidades na vida religiosa”, *CLAR*, XLV, N°3 (2007), 40-51.

MADRE ISABEL, in IRMÃS CONCEPCIONISTAS AO SERVIÇO DOS POBRES (Org.), *Lembrai-vos Sempre*, Editorial Franciscana, Braga, 1995.

MANICARDI, L., “A Formação à Luz do Evangelho: um itinerário”, in *Acompanhamento Espiritual*, Paulus, São Paulo, 2011, 61-142.

- MARIA PALACIOS, J., “Formación. Nuevas perspectivas”, in A. APARICIO, (Org.), *Suplemento al Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, Publicaciones Claretianas, Madrid, 2005, 395-400.
- MARTINELLI, R., “La Samaritana. Una donna trasformata dalla fede grazie alla pedagogia di Gesù”, in *Direzione spirituale, maturità umana e vocazione*, Ancora, Milano, 1997, 187-204.
- MERCATALI, A., *La Persona Umana. Conoscenza e Formazione*, Pontificia Università Urbaniana, Roma, 1987.
- MORUJÃO, M., “Castidade. Consagrados para servir”, *Vida Consagrada*, Ano XXXIII, Janeiro (2013), 3-21.
- PALANCA, D., “Interculturalidad”, in A. APARICIO, (Org.), *Suplemento al Diccionario Teológico de la Vida Consagrada*, 576-580.
- PAPA FRANCISCO, “Discurso às religiosas participantes na assembleia plenária da União Internacional das superiores Gerais”, *Vida Consagrada*, 368, XXXIII – Julho (2013), 203-206.
- \_\_\_\_\_, *Exortação Apostólica A Alegria do Evangelho, (Evangelii Gaudium)*, Paulinas, Lisboa, 2013.
- PAREDES, J., “Missão carismática dos institutos religiosos”, in A. APARICIO - J. CANALS, *Dicionário Teológico da Vida Consagrada*, Paulus, São Paulo, 1994, 683-699.
- RIBEIRO, A., *Vida Consagrada: Sinal e Serviço*, Paulistas, Lisboa, 1994.
- SZENTMÁRTONI, M., *Manual de psicologia pastoral*, Sigueme, Salamanca, 2003.
- VIGNOLO, R., “O Acompanhamento Espiritual. Uma forma de comunhão com o Evangelho”, in C. MARTINI (Org.), *Acompanhamento Espiritual*, Paulus, S. Paulo, 2011, 49.
- ZANON, G., Prefácio, A CENCINI, *A árvore da vida, proposta de método de formação inicial e permanente*, Paulinas, São Paulo, 2007.
- V. ZUGNO, “Acompanhamento e fidelidade, na vida religiosa”, *Revista CLAR*, Ano XLV – nº 3, 2007, 47.